

AUTORES & LIVROS

Ano 10 1/1/1944 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ" publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Vol. 1 Núm. 1

O discurso do Sr. Getúlio Vargas

Senhores:

Antes de tomar posse da cadeira que me destinastes, desejo fazer algumas considerações de caráter pessoal. Não me sinto em muito estranho. Além da grande honra de achar-me entre os mais elevados expoentes da inteligência brasileira, experimento a satisfação de aqui encontrar antigos companheiros de jornadas públicas e amizades que muito prezô.

Prezando nossos trabalhos, vejo o Embaixador José Carlos de Macedo Soares, que foi meu colega e dedicado ministro do Estado, personalidade por toda conhecida e admirada; também o meu antigo antecessor no tempo da minha eleição acadêmica, o prof. Leão Carneiro, que emprestou ao observo, em muitas oportunidades, as luzes da sua cultura crítica; e por último o meu amigo Aluísio de Paiva, uma das mais valiosas inteligências e homens de extensa produção social da época, em cuja obra para receber-me, convidando-me, a circunstância e o papel foram o grande motivo de honra e de orgulho.

Não posso, finalmente, deixar de lembrar três nomes das mais ilustres da nossa companhia, e que aqui me ligam por laços de amizade sincera e congrua: o intelectual Gregório de Foisca, meu colaborador de imediata confiança, grande coração e grande caráter; Humberto de Campos, cujos últimos dias de vida acompanhei com emocionada admiração; Alberto de Oliveira, o magnífico poeta, gentilhomem das letras, com quem me entreli em inesquecíveis momentos de contato espiritual.

Devo e quero agradecer, agora, o generoso empenho que puseis

em trazer-me ao vosso convívio permanente, conferindo-me honra, por certo superior aos meus méritos de inteligência e cultura.

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos:

A afiliação intelectual é para mim uma imposição da vida política, que exige de quem a ela se consagra a obrigação de comunicar-se com o público com precisão e clareza, explicando ideias e problemas de governo, esforçando-se por fazer-se ouvir e compreender.

Não sou e nunca pretendi ser um escritor de ofício, um cultor das belas letras, embora tenha me habituado, desde moço, a amar a convivência dos poetas e romancistas como leitor e admirador comovido das suas obras. Por que não hei de reconhecer também, numa confissão escusável nestas circunstâncias, a atração que sempre exerceram sobre mim os homens de pensamento, os inteligentes cultos e desalinhados, os espíritos do alto qualque ideal, possuidores da divina fênix de transmitir aos seus semelhantes as experiências vividas, os anseios piedosos, os arrebatamentos da paixão e da fé?

Mes, tudo isso de que a vida esta feita de delírios os meritos de um escritor, de legítimas pretensões a partilha dos louros e da glória, que tem direito aos principais da poesia e os magníficos exploradores dos reinos da ficção.

A "Casa de Machado de Assis", parecia reservada, nas minhas reflexões, aos homens volados a criação artística e ao estado de interesse dos problemas culturais. Não a considerava glória apropriada ao meu amanho dos agricultores, mas tendo escrito e tratado, ao ar livre, os jardins operem milagres de beleza e colorido.

Nascida sob a invocação da

Academia Francesa, por ela moldada, teria certamente o destino de servir de refúgio e assegurar repouso aos espíritos serenos, que olham a vida em termos de categoria filosófica e usam as lentes da perspectiva histórica para observar com imparcial frieza os acontecimentos da atualidade.

Sem dúvida, as circunstâncias da vossa fundação delatavam o divorcio então existente entre a pura análise espiritual, a seriação e o estudo da realidade através das artes e as atividades chamadas práticas.

Naquele remanso da fim do século, passadas e esquecidas as agitações que suscitaram o advento da República, políticos e administradores caminhavam de um lado e intelectuais do outro, ocupando margens opostas na torrente da vida social.

Por uma deformação lógica, sentiam-se quase incompatíveis. As alterações da semântica retratam, melhor do que amplas razões, essa situação de fato. Poeta era, ao tempo, sinônimo popular de lunático, pessoa ausente, habitando um mundo de fundadas e imagens; literato (tendência, não pejorativo) brando, o teórico, por fora do combate nas arenas, alheio às realidades cotidianas e congozadas de poder ajuntava-as aos requiemas amplistas da construção dialética.

Em ambiente exato, era inextinguível, as energias sociais desperdiçavam-se esterilmente e o desdém do "espírito" pela "matéria" tomava formas quase extravagantes. Para o homem de letras, as palavras político, industrial, administrador, tinham igualmente um sentido alterado; significavam estrofeza de platôs, incapacidade imaginativa, grosseiro trato com as coisas belas da vida e os seus valores supremos. Para ser um exemplar dessa forma tornava-se necessário



SR. GETULIO VARGAS

ignorar as ruas, os poentes, as sutilezas da linguagem, o aguçamento de um sarcasmo e a nitidez de uma ironia.

Explicaram uns e outros, através de conceitos voluntariamente truncados, o desdém recíproco e a mútua desconfiança. Os literatos reclamaram o isolamento, a torre de marfim, a impossibilidade marmorea, e essa atitude se refletia na própria preferência pelas imagens do reino mineral, tão do gosto dos poetas mais celebrados do tempo. Os homens de ação, dedicados às lutas práticas, desacreditavam, por seu turno, as possibilidades reais dos que sabiam pensar e dizer.

Não há novidade em declarar, por conseguinte, que a primeira fase da vossa ilustre instituição decorreu à margem das atividades gerais, enquanto o Estado, a administração, a sociedade civil evoluíam e se transformavam. Só no terceiro decênio deste século operou-se a simbiose necessária entre homens de pensamento e de ação. Hoje vemos em vosso meio, compartilhando a imortalidade com poetas e romancistas, representantes das profissões liberais, juristas, historiadores, políticos e até industriais. É admirável que isso aconteça. Os valores da inteligência são multifórmes, reutilizam de múltiplas e secundárias aplicações. Os modernos processos de integração social não podem

ignorar as ruas, os poentes, as sutilezas da linguagem, o aguçamento de um sarcasmo e a nitidez de uma ironia.

O papel das Academias não é, na atualidade, o que Chaucer atribuiu a Academia Francesa: "Fazer um grande diccionário e fiscalizar a língua". É mais importante, mais amplo e profundo.

Não corresponde, evidentemente, a uma instituição acadêmica guardar os marcos revolucionários em arte e cultura. Também não lhe corresponde atuar do lado externo, permanecendo fechada num conservantismo catóico e reacionário. Cabe-lhe, na conjunção das atividades gerais, uma função ativa, coordenadora de tendências, ideias e valores, capaz de elevar a vida intelectual do país a um plano superior, imprimindo-lhe direção, contraluz, força e equilíbrio criador.

Foi com essa visão global das responsabilidades acadêmicas que atrevi um lugar na vossa ilustre companhia, honrado com a escolha que considero homenagem, excepcional e disposta a trabalhar conosco pela afirmação da nossa cultura, intervindo na solução dos grandes problemas da Nacionalidade.

Eleito para a Cadeira 37, venho sentar-me entre vós, sob o patronato de Tomás Antonio Gonzaga, na sucessão de Silva Ramos e Aluísio Machado. Não me poderia sentir melhor

Explicação deste Suplemento

O número de "Autores e Livros" que hoje oferecemos ao leitor tem um caráter especial, de a diferença das habituais páginas desta publicação. Em vez de o dedicarmos a um de nossos autores, como habitualmente o fazemos, resolvemos dedicá-lo à Academia Brasileira, aos trabalhos e às realizações nos últimos dias.

São vários e importantes os trabalhos.

Primeiramente, os que precedem a recepção do sr. Getúlio Vargas na casa de Machado de Assis. Essa recepção realizou-se em 29 do mês atual, representando um momento de honra e de glória, para a cidade. O sr. Getúlio Vargas, o primeiro chefe de Estado a vir ao Brasil em caráter de acadêmico, chegou a casa. Na Academia, o primeiro magistrado Nogueira na cadeira n. 37, que o nosso patrono Tomás Antonio Gonzaga. Essa cadeira criação de Silva Ramos e

nela sentou-se, por morte do poeta e gramático pernambucano, o admirável escritor que foi Aluísio Machado. Em sua oração, o sr. Getúlio Vargas traçou os perfis dos três escritores que ilustram a cadeira, detendo-se na análise de seu antecessor. Vai publicado aqui o seu discurso, e vai igualmente o discurso com que saudou a vossa porta da imortalidade, em nome da Academia Brasileira, o sr. Aluísio de Paiva.

Também vai publicado neste suplemento o discurso de Mucio Leão, pronunciado ante a capela em 23 também do mês passado, ao se compor a sua cadeira, n. 28, que tem como patrono Manuel Antonio de Almeida. Essa cadeira foi criada por Inácio de Sousa, e nela sentou-se, por morte do romancista, de "O Cacauteista", Xavier Marques Mendes de Paiva. Estava o autor de "Jana e Jael" num discurso cheio

SUMÁRIO	
PÁGINAS 1, 2 e 3:	PÁGINAS 11, 12, 13 e 14:
— Discurso do sr. Getúlio Vargas.	— Discurso de Machado de Assis.
— Explicação deste Suplemento.	PÁGINAS 15 e 16:
PÁGINAS 4, 5 e 7:	— Discurso na Academia, do sr. Macedo Soares.
— O discurso do sr. Aluísio de Paiva.	PÁGINAS 17, 18 e 19:
PÁGINAS 8, 9 e 10:	— Retrospecto Literário, de Mucio Leão.
— O discurso de Menotti de Paiva.	PÁGINA 20:
	— Discurso de Poeta, de Mucio Leão.

a vida, malhas sem falta, outras com capelas aporreadas, outras logo desbotadas da vida e da morte. Mas ainda os que se des-
cendem em suas primeiras expe-
riências de adaptação e os que
lutavam em seguir padrões anti-
quados e incompatíveis com as
tendências e o temperamento e
as condições de tempo e de meio
sua, geralmente, os casos que
mais se fazem notar pelo dispa-
recho dos contrastes e a incon-
gruência dos esforços postigos e
esforçados. Não menos por-
ti, com tanta frequência, tar-
taramos que se julgam Demois-
telas, pesquisadoras de biblio-
tecas e com a vida grande e
criativa, militares, políticos e
esportistas competem os pela in-
fluência das figuras históricas de
Napoleão, Alexandre e Cezar.
Quanto desses desconcertos,
dessas falhas de modelos
estava a inferior desastrosa-
mente no do "filho dos homens e
dos povos".

Se tomarmos a sério a es-
trutura física, as verificações da
sua "condição" háberiam de ser
desconcertantes. Não, certamen-
te, em relação a homens como
Alcântara Machado, cuja argu-
mência e trabalho daria de des-
cobrir, tal a confusão de identi-
dade com que o aguiar, honran-
do-a com o exemplo e exemplar-
mente, flutuava e via todas
as circunstâncias e a sua presen-
ça suprema, melhor das
suas diretrizes morais e das suas
conquistas de homem de pensa-
mento. Era o pai, era Brasília
Machado, cuja biografia escre-
veu com tanto carinho e devo-
ção filial.

De Alcântara Machado po-
demos dizer que foi um menino-
moço. Cresceu e educou-se sob
a direta e imediata influência
paterna. Brasília Machado, pro-
fessor, advogado, político a pro-
prietário, marcou-lhe os rumos da
existência desde os passos iní-
ciais. Precocidade, reconhecida, es-
tudioso — aos 31 anos se faz
professor na mesma escola onde
publicava o pai. A fase com que
estudou e cedeu — um traba-
lho completo sobre medicina legal — revelou-o uma inteligência
profunda, honesta e armada
com os melhores recursos da
obra jurídica e das letras
humanas. Daí por diante, nenhu-
ma hesitação na marcha. Entre-
tinou-se a outras atividades, como
advogado e político, e a realiza-
ção com a mesma segurança e
clareza de ideias.

Porém, contacto pessoal traz
com Alcântara Machado para
compreender-me habilitado a fa-
tor de sua feição íntima, dos li-
nguas do seu caráter, dos seus
sentimentos e reações diante dos
atos humanos e dos aconteci-
mentos sociais. O que recolhi,
porém, confirma substancial-
mente o testemunho dos amigos
e dos que o conheceram mais de
perto. Muitos se referem à sua
humildade acolhedora, à timidez
que parecia dominar-lhe os mo-
vimentos e dar a quem não o
conhecia uma falsa impressão
de solidez e superioridade ex-
tremada. Não me parece que esse
fosse, realmente, o "defeito hu-
mano" do seu caráter. A timidez
nos espíritos cultos e sensíveis,
capazes de ser atingidos subita-
mente pelas camadas da
emoção e da inteligência, não
pode ser mais das vezes de uma
disposição espontânea da per-
sonalidade. O timido é geral-
mente um fraco de vontade. Nos
susceptibilidades exageradas, nos
temores e afrouxamentos das re-
ações nervosas, ora amareladas,
ora abruptas, deixa-se surpre-
nder nos primeiros contactos.
Alcântara, por isso mesmo, não
foi e na maneira de compor-
tar-se, os nervos de contumacia
e de serenidade, que são rari-
dade e atributos nos tempera-
mentos equilibrados. Solidez e
força, Alcântara Machado ex-
hibia, evidentemente, a testa-
muna de timido. Nos atos e
na maneira de agir, de conviver
e de trabalhar, não se percebeu
a menor hesitação. Por isso
pode-se dizer que Alcântara
foi um homem de vontade firme, de
força de vontade firme. Por isso
pode-se dizer que Alcântara
foi um homem de vontade firme,
de força de vontade firme, de
força de vontade firme.

ou temer. Era, apesar disso —
ajustam quantos lhe desfrutu-
ram a convivência e o trato fi-
dalgio — um afetuoso. Não se con-
funde facilmente a intimidade,
mas reservava para os amigos
uma constância e enternecida
assistência. O que o fazia parco
em expansões e o colocava na
posição de quem não quer ar-
riscar falhas e o receio de pa-
recer falso e maléfico, quando o
seu empenho maior consistia em
guardar fidelidade a si mesmo.
Pertencendo a uma geração de
crise — a de 1899 — teve oportu-
nidade de conhecer períodos
de depressão, de prosperidade
geral e de crises traumáticas
públicas. Realmente, na fase de
formação, as últimas influências
da romanização e sofreu as pri-
meiras liquidizações do século.
Explicam, assim, porque, an-
te a vida madura, desfez-
se muitas ilusões e embriaga-
do da religião cristã, viesse a
considerar "a vida uma grande
lição de humildade".

Os últimos anos de existência
congregaram Alcântara Macha-
do a dois trabalhos totalmente
diferentes — a biografia de
Brasília Machado e o Código
Criminal Brasileiro.

O estudo biográfico do pai re-
sultou mais um marco definitivo
na carreira do escritor. Ex-
ceção ou com cuidados entendi-
dos. O perfil do notável profes-
sor vale por uma perfeita repro-
dução da sua personalidade.
Brasília Machado possuía, intui-
tivamente, títulos de sobra
para destacar-se no meio em que
vivia e atuava. A inteligência
pronta, a cultura jurídica, a
combinação, faziam-no admi-
rado e respeitado como mestre
e caudilho. Possuía porte tri-
bunício, flama e audácia verba-
lis de autêntico orador. Era, tam-
bem, capaz de devotar-se a cau-
sas nobres e desinteressadas.
Firme de caráter e de convic-
ções, quando renunciou as lutas
partidárias não o fez para en-
cetar-se no caminho do silêncio
do conformismo. Católico pratican-
te, antes dos 31 anos converte à
religião do próprio pai, velho bri-
ganteiro, miúdo, anticlerical, er-
cendente protótipo dos homens do
Primeiro Império. Completa, ali-
nal, brilhantemente o ciclo da
sua profissão social, batendo-se,
como diria o filho, "pela recrui-
tização do Brasil", pela volta
ao espiritualismo de uma terra
que ao espiritualismo cristão de-
ve em grande parte seu cresci-
mento e sua unidade".

O jurista, em Alcântara Ma-
chado, antecipa-se ao homem
de letras. A parte mais sólida da
sua cultura, a sistemática dos
conhecimentos, a orientação fi-
losófica, foram aquisições feitas
na mocidade, durante o curso de
Direito, na velha e gloriosa Fa-
culdade de São Paulo. Ao in-
gressar no professorado a sua
mentalidade já estava definiti-
vamente conformada e apta a
aplicar-se com seguro equilíbrio
Foi, por isso, um mestre completo
e um caudilho de rara profici-
ência.

A organização do Código Cri-
minal veio a ser, por consequen-
te, uma espécie de coroamento
das atividades do jurista, do pro-
fessor e do advogado. Foi-lhe
confiada numa hora de transi-
ção política, quando se muda-
vam as instituições para cuja
adoção o parlamentar decisiva-
mente contribuiu. Lembro a
circunstância para salientar co-
mo o político sabia sobrepor-se,
sereno e patrioticamente, às
contingências dos acontecimen-
tos. Esquecendo-se de si, super-
rior às susceptibilidades e às de-
cepções, estava sempre pronto a
aplicar o saber e a sacrificar as
comodidades pessoais em pro-
velto das iniciativas úteis à co-
letividade.

Após-me destacar, mais uma
vez, esse traço marcante da per-
sonalidade de Alcântara Macha-
do. O sentido da solidariedade
humana era nele tão forte como
a vontade de realizar. Pensava
certamente com Montaigne que
"quem não vive de algum modo
para os outros mal vive para si".
Nas atividades de acadêmico
conduziu-se com idêntica eleva-
ção de espírito. Já e disseram
melhor do que eu, por ocasião
da sua morte, os eminentes con-
frades congregados em sessão
para celebrar-lhe a memória. No
acervo dos seus trabalhos, as
orações académicas representam
uma contribuição literária des-
tinada a durar e a incorporar-
se ao patrimônio cultural do
país. São páginas vigorosas de
penetração crítica, saturadas de
sentido humanista, onde o escri-
tor se mostra na plenitude das



O sr. Getúlio Vargas, ao lado do sr. Manoel Soares, presidente da Academia Brasileira de Letras, assinam o seu nome no livro da Casa de Machado Assis.

seus recursos de expressão. Lem-
bremos, nos discursos de posse e
recepção que pronunciou, os ju-
ros sobre Silva Ramos, Luiz Gut-
marães Junior, João Ribeiro e
Joaquim Nabuco. A precisão dos
conceitos, o exame das ascen-
dências culturais e os neros his-
tóricos indispensáveis em traba-
lhos críticos de ampla estrutu-
ra, transformam os perfis tra-
çados numa galeria rica de con-
teúdo espiritual e de interesse
humano.

Alcântara Machado trouxe po-
ra os trabalhos académicos a sua
deslumbrada capacidade de
compreender e aquilatar, sei-

restrições ideológicas e precon-
dições de escola, os valores fa-
cundos da inteligência. Acredita-
va no prestígio social dos in-
tellectuais e na função política
da literatura.

A existência de instituições
como a nossa não encontraria
justificação plausível no con-
junto das atividades sociais se li-
mitássemos a sua esfera de ac-
ção à tarefa de selecionar e con-
sagrar, dentro das fronteiras do
país, as glórias literárias. E o
que se pode concluir também,
atendendo para a feição pecu-
lar da obra de Alcântara Machado
e esporadicamente as palavras magis-
trais da parte final da sua oração de
posse, quando afirma caber à
Academia, "que é a expressão
luminosa do pensamento e da
sensibilidade nacionais, o dever,
de que jamais desclonou de aper-
tar os olhos de solidariedade, por
uma compreensão e um encon-
tamento mais perfeito, entre os
brasileiros de todos os Estados".

Encerra essa afirmação todo
um programa de atuação cons-
truída e nacionalizadora. A
Academia, preciso é reconhecer,
já começou a executá-lo desde o
momento em que abriu as por-
tas da imortalidade aos repre-
sentantes da inteligência brasi-
leira vindos dos diversos qua-
drantes geográficos e conside-
rados expoentes legítimos nas
letras, na sociologia, na medi-
cina, na administração e nas ci-
ências em geral. Cumpre-lhe,
apenas, desenvolvê-lo, ampliá-
lo, exercendo uma espécie de ju-
dicialidade sobre a vida mental do
país, preparando uma atmósfe-
ra de interesse e de respeito, pri-
mo das criações intelectuais, ex-
cultivando as vocações e facilitan-
do-lhes o acesso às fontes de re-
vigoração e renovação cons-
titucional.

O Brasil realizou a sua cons-
tituição política, constrói agora
a sua emancipação econômica
e física, finalmente, a sua cons-
tituição cultural. As responsabili-
dades dessa magna tarefa têm
de recair necessariamente sobre
os intelectuais e os homens do
pensamento. A Academia Brasi-
leira de Letras não reúne a for-
ma, mas dispõe de meios para
exercê-la, desenvolver a magis-
tração das suas atividades, man-
tê-la, e se recomendar a cons-
tituição da sua alta empresa, a que
melhor possumo como expressão
de inteligência e de generosidade
de fé política.



Na foto: o filho do Príncipe Teodoro, para a sua esposa, Sr. Paula, a re-
cebe no salão da Academia Brasileira de Letras, presidida pelo sr. Casimiro
de Almeida, à esquerda, e Paulo Collares.

"Senhor Getúlio Vargas

Não é esta a primeira vez que a Academia vos recebe e, ainda que nas duas anteriores não havia sido nem muito e nem muito vivo o prazer de uma presença tanto mais apreciada quanto de inteira iniciativa do visitante. Trouxera-nos até em o desejo de conhecer e examinar a nossa biblioteca, e foi com desvanecida surpresa que tivemos posse da honrosa oportunidade, sem precedente, de acolher um Chefe de Estado em caráter privado.

Sua primeira visita foi numa dessas belas tardes carterias em que o sol, prestes a recolher-se, como que deseja dei-

O discurso do sr. Ataulpho de Paiva

proprio pavilhão nacional a desdobrar-se em ondulações sonoras ao ritmo de um fluido que resultasse do amoníaco bater dos corações brasileiros. E a bandeira da Pátria em dalhão em bronze de Castro Alves, junto ao qual adornam-se palavras em chama de amor e devoção, o milagre da imagem sonora convertendo-se em visão de sagrados céus e terras queridas, o canto de uma poesia exprimindo o Brasil. "Auriverde pendão da minha



O sr. Ataulpho de Paiva, em nome da casa de Machado de Assis, da rua de São João, no sr. Getúlio Vargas

xar em nossos olhos uma deslumbrante recordação de sua existência e majestade, espalhando no ar poeira de ouro e transformando as vitrines do casario em cintilantes espelhos íntegros de ouro — "a hora mágica do declinar do dia" de Mont Alverne, sol da sacra elo quência.

Parcia ainda mais graciosa a renda verde das folhagens das acácias que a brisa jamais deixava repousar e que dançavam com sua perene inquietação a calma lanchada em que se assenta imediatamente Machado de Assis, como se na biblioteca também vivesse em pensamento e anseios.

Galgando os primeiros degraus que elevam sobre a rua a sede acadêmica, penetra-se no interior, embora ainda se reflira, num ambiente de belo dia, o calor e em que a poeira antiga da biblioteca para e a luz das transeuntes, como ventos e a vida urbana, trazida em seu volutuosismo. Da sala de leitura, em direção do espelho e a visão sensível de Machado de Assis, a sala em sua tranqüila beleza, simplifica quanto o visitante se sente a vontade entre as murais da biblioteca e o jardim da intelectualidade.

Parou. Um olhar significativo foi logo dirigido para o meio do jardim da Academia como uma das mais perfumadas flores de seu gênio poético, esplende, igualmente em bronze, e fuma o decassílabo "Auriverde pendão da minha terra", indicado por certo concurso, entre intertextuais como o nosso, mais belo verso — dir-se-ia o

nhucimento e do de todo o Brasil letrado. E a prova caso a tivesse naquela mesma tarde de surpresas, deparando ali, em placa de bronze reluzente abaixo do fiel retrato de Machado de Assis, a reprodução do decreto presidencial mandando fosse de culto nacional o dia do centenário do nosso patrono — o Santo da Academia.

Diria eu, caso fosse fiel transpor para um ambiente profano a sagrada aureola do altar. E assim antes de eleito acadêmico, já estava o nome de Getúlio Vargas marcado nela casa, e mais indelevelmente do que em seus arquivos — numa parede e em bronze. E em nossos corações também. E igualmente nos corações de quantos através do tempo, forem conhecendo a homenagem. Impar que o Chefe do Estado prestou ao maiores das letras nacionais contemporâneas.

A segunda recepção que a Academia vos fez foi ainda sem antecipado convívio. Já então eleito, na vaga do para sempre admirado Alcantara Machado, seu sucessor vinha, uma tarde também, numa de nossas sessões de intimidade e num requinte de galanteria, agradecer a escolha acadêmica. Não houvera lampouco previa combinação e ainda como na primeira vez, a ausência de protocolo aumentou o prazer de vossa companhia. A de hoje, solemne em seu cerimonial e nas presenças ilustres ou sedutoras que aqui brilham, é pois, a vossa terceira recepção acadêmica.

Entre, então, e, entretanto, e a segunda de há ano e meio, outro decreto presidencial viria unir vossa nome ao já somente a parede desta casa, mas ao próprio solo em que lhe acentuam os adereços, transferis gravosamente a Academia o domínio útil, dita-se, a plena propriedade do terreno em que está construída. Interativa e assina a nossa brasilidade, que, já intelectual, como que também se materializa, e para que a Academia soba de uma terra bem sua, como uma esplanada arvora do desenvolvimento nacional, guias flores p-fiamen o ambiente literário, cujos frutos nutram as gerações que se forem sucedendo no sublime labor de enriquecer o patrimônio das idéias e da beleza.

Assim, o mesmo Chefe de Estado, depois de haver dado um dia de celebração nacional ao patrono da Academia, dava e esta a eternidade da implantação na terra brasileira; antes de ser nosso confrade, favorecia o culto; depois de eleito, fixou para sempre o templo. Rememore-se, porém, que o Presidente, sinalizador do decreto de Março de 43, só baixou o genérico alto depois de o termo março de 43, só baixou o genérico — postergação que sem dúvida desprezava uma das regras universais da técnica eleitoral.

Mas, se amais as letras e coisas desde adolescente, um seu esportivo impulso foi a militar a vocação impalpável de vossos primeiros passos para a vida autônoma: para a bandeira vos orientavam a hereditariedade e o meio. Sols de São Francisco de Ibiara, o mais meridional dos Sete Povos das Missões e sua capital, cujo vetusto passado o Conde João Pedro Gay, vigário da cidade em meados do oitavo século, narra em sua História da República Jesuítica do Paraguai — valioso trabalho que se hoje podemos facilmente compilar, devêmo-lo, note-se bem, ao Presidente inspirador da redação da substancial obra do letrado que ele tirou de inerte esquecimento e de quem tenho a preferência de que um dia o acadêmico Getúlio Vargas traga para esta casa o interessante perfil. Com que

animo se expandira então o admirador desses a que já chamamos "figuras heróicas da nacionalidade". Os chefes e assistentes de batina dos nossos exaltados, a cujo respeito já disse a sua pena primorosa: "No Brasil Colônia, no Brasil Império e no Brasil República, o lugar da Igreja Católica está marcado em destaque, como fator preponderante na formação espiritual da raça, e as suas doutrinas e ensinamentos constituem as bases da família e da sociedade".

Quanto confortam as almas errentes essas palavras de fé pronunciadas pelo guia da Nação que, em não longuinha tarde, irando-se Te Deum no templo de Santa Therezinha, ao lado do Túnel Novo, na esta cidade, ali solitário penetrou como o mais humilde homem do povo e humildemente se prosternou perante o Altíssimo. Sua chegada passara desp' rebeldia, e so a uma pausa das orações, os vizinhos reconheceram aquele que a seu lado se ajoelhará silencioso e discreto, — quase como se fosse o espírito e não o corpo de Getúlio Vargas. Mas que jubilo ao darem com o Presidente ali confundido com a multidão e, como um anônimo fiel de poeira em terra ante a majestade divina!

Ao virdes ao mundo, a velha agremiação de São João, que tanto impressionara Santa Therezinha, a antiga redução fortificada já se transformara numa cidade quieta e a ille, continuava, porém, a olhar sobre a cidade, os tempos e os, e de lá tão se tola de todo o espírito nacional. Com os primeiros passos da brisa matinal do rio Uruguai, entra na salgue do pântano (ambos) nos vós formados no combatividade que a terra, a influar um seu filho. Acima, este rebento de Vargas se levanta de dois braços heróicos e avô, Getúlio Vargas, já experimentado cavaleiro das redutras repúblicas, partindo da histórica baía do Falso do Rosário, quando vem pelar na revolução farragosa e vai, Manoel Vargas, fulminante cheiro que montado em seu "pingo", não conhece perigos — que, nos campos e pântanos estrangeiros como nas exiladas riograndenses, é sempre o mesmo centauro derrubador e temível. Da dupla ação sinérgica da hereditariedade e do ambiente haviam de resultar aquele menino que aspirava a fardado como um conde de sua alma, e o impavido homem de Estado que sempre transcendia o perigo mortal e nos momentos do risco máximo, pela-ria, como o rei cerejas pelas inimigas em fúria, dizer, estendendo o braço aos ajudantes próximos: "Vejam se meu pai só bate mais forte que de costume".

O rapazito de São João amava por vestir a farda como que poderia realizar o sonho heróico. Mas não apenas adolescente, cito o soldado Paulo Ladeira a entrar na Escola do Rio Pardo, outro local de antigas combates desse convulso e histórico solo do Rio Grande — "sentinela da Pátria", já o mistérios — onde não existe um palmo que o sangue não brilha e, bido nem rindeu sem avocar o poema de um heróico em um nome desses que perveram os ares galeiros como fluidos vitalizantes de almas prontas sempre a acudir ao apelo da Nação e tomando como destino humilhante o morrer na cama. Vosso pai teve, porém, ainda maior recompensa do que dar a vida pela Pátria; teria de dar o seu sangue a um filho que se faria próximo ao Brasil.

Eis o rapaz na Escola do Rio Pardo, de onde breve sairia um

novos feridas, que a si mesmo largara ser um novo General Vargas. Mas a nobreza e uma das virtudes militares, e por ser um coração nobre, teria o mesmo repavilhão de abundância e viveiro de ofensas ao recluso para si também a responsabilidade de um ato de indisciplina que não praticara, mas de que ali está por se aprender a compor, unicamente em gesto de solidariedade aos camaradas culpados. Belo traço de caráter mas que iria custar o sacrifício de uma carreira.

Já não poderia ser ofendido. Todavia ainda colado, recebeu transferência para a guarnição de Mato Grosso, promoção para uma luta que o honraria. Intencional, dia o dia mais carregado, prenunciava imminente. Debalde, porém, a esperou mais combate e a luta não veio, mas o ardor e o desparado infante, não era, como a Nação, graças a Deus por não ter via vindo.

Deixou para sempre o Exército Nacional. E, entretanto, um dia voltaria a ser soldado. Dia ainda longuinho, antes de qual faria a sua singular e triunfal carreira civil, mas que como consequência desta, haveria de chegar em 3 de outubro de 1930, quando as circunstâncias o arrastaram general — mais que general, generalíssimo. E o momento da sua marcha do Rio Grande para o Rio de Janeiro, os dois rios entre nebulosas e ardores, ao ano do magico de uma viagem que era uma ideia e um futuro. Por seu irmão, o generalíssimo não que trazer sobre si as estrelas de chefe supremo, mas apenas a angélica brisa o soldado raso. Sempre a disciplina e a audácia. E que intencionalmente vos sentissem um contraste, um assente do ideal civil que se por não soldado jamais se tornaria reverso a paternidade militar. Como uma única palavra do jurado, um espírito de unidade de vontades e de ações.

Essas foram circunstâncias de uma vida política, entre as de anos de vida brasileira, de magos e mistérios, mistérios que já presidiram suas decisões que nutriram o crescimento espiritual e material de este gente, que dia a dia mais se avoluma, estimulada nos instintos do Espírito Nacional. E foi no rio de Janeiro, terminando assim — demonstrando que não profunde, talvez, doutrina, não diferença iniciativa e favorecida a ação construtiva. Via mesmo já o diáspora um dia: "O velho eu, fido do autoritarismo e a liberdade se admitem a nobreza das soluções concretas e realistas".

Antes, porém, de alisar as vestes civis e abundantes realizações, antes de mais, cabia-lhe retornar o jovem que se sentindo-se "condenado" a ser uma vez dúvida então a vida (imaginação infante), subvertendo o condenado a vida de paisagem, já e boeira suas próprias, tempos de quartel o pai e de uma casa, a carreira, com essa província que vos e em incomparável e nunca vos abandonou — ainda mais, uma realização de vossa natureza, pai e filho, no campo de batalha, o último, minha vos apostrofa de si próprio. Também na vida civil, jamais deixas, chamado desprezado. No final sempre a demonstração, com a vida e conta de fronteiras — a paz continuada com a guerra, a hostilidade logo por detrás dos acordos pontuais, a amizade entre os homens transformando-se em rixas logo ao virar da esquina; por isto, é de bom aviso manter-se a gente vigilante sobre as coisas desta vida, que e ela propriamente uma ininterrupta fronteira entre a tranquilidade e o perigo, entre a fidelidade e o infortúnio, entre o ser e o não ser.

Encerrada a carreira militar, iniciastes a do direito. Esquecendo as avessas o conhecimento

de uma carreira, que a si mesmo largara ser um novo General Vargas. Mas a nobreza e uma das virtudes militares, e por ser um coração nobre, teria o mesmo repavilhão de abundância e viveiro de ofensas ao recluso para si também a responsabilidade de um ato de indisciplina que não praticara, mas de que ali está por se aprender a compor, unicamente em gesto de solidariedade aos camaradas culpados. Belo traço de caráter mas que iria custar o sacrifício de uma carreira.

Já não poderia ser ofendido. Todavia ainda colado, recebeu transferência para a guarnição de Mato Grosso, promoção para uma luta que o honraria. Intencional, dia o dia mais carregado, prenunciava imminente. Debalde, porém, a esperou mais combate e a luta não veio, mas o ardor e o desparado infante, não era, como a Nação, graças a Deus por não ter via vindo.

Deixou para sempre o Exército Nacional. E, entretanto, um dia voltaria a ser soldado. Dia ainda longuinho, antes de qual faria a sua singular e triunfal carreira civil, mas que como consequência desta, haveria de chegar em 3 de outubro de 1930, quando as circunstâncias o arrastaram general — mais que general, generalíssimo. E o momento da sua marcha do Rio Grande para o Rio de Janeiro, os dois rios entre nebulosas e ardores, ao ano do magico de uma viagem que era uma ideia e um futuro. Por seu irmão, o generalíssimo não que trazer sobre si as estrelas de chefe supremo, mas apenas a angélica brisa o soldado raso. Sempre a disciplina e a audácia. E que intencionalmente vos sentissem um contraste, um assente do ideal civil que se por não soldado jamais se tornaria reverso a paternidade militar. Como uma única palavra do jurado, um espírito de unidade de vontades e de ações.

Essas foram circunstâncias de uma vida política, entre as de anos de vida brasileira, de magos e mistérios, mistérios que já presidiram suas decisões que nutriram o crescimento espiritual e material de este gente, que dia a dia mais se avoluma, estimulada nos instintos do Espírito Nacional. E foi no rio de Janeiro, terminando assim — demonstrando que não profunde, talvez, doutrina, não diferença iniciativa e favorecida a ação construtiva. Via mesmo já o diáspora um dia: "O velho eu, fido do autoritarismo e a liberdade se admitem a nobreza das soluções concretas e realistas".

Antes, porém, de alisar as vestes civis e abundantes realizações, antes de mais, cabia-lhe retornar o jovem que se sentindo-se "condenado" a ser uma vez dúvida então a vida (imaginação infante), subvertendo o condenado a vida de paisagem, já e boeira suas próprias, tempos de quartel o pai e de uma casa, a carreira, com essa província que vos e em incomparável e nunca vos abandonou — ainda mais, uma realização de vossa natureza, pai e filho, no campo de batalha, o último, minha vos apostrofa de si próprio. Também na vida civil, jamais deixas, chamado desprezado. No final sempre a demonstração, com a vida e conta de fronteiras — a paz continuada com a guerra, a hostilidade logo por detrás dos acordos pontuais, a amizade entre os homens transformando-se em rixas logo ao virar da esquina; por isto, é de bom aviso manter-se a gente vigilante sobre as coisas desta vida, que e ela propriamente uma ininterrupta fronteira entre a tranquilidade e o perigo, entre a fidelidade e o infortúnio, entre o ser e o não ser.

Encerrada a carreira militar, iniciastes a do direito. Esquecendo as avessas o conhecimento

las coletâneas A Nova Política do Brasil, cujo novo volume já publicado forma o sétimo do processo em que o estadista Getúlio Vargas irá pleitear perante a história o julgamento sobre o seu governo. E poderá simultaneamente pleitear, perante a arte e o pensamento, os títulos de grande vitorioso e executor expedito. Quanto ao julgamento da Academia, o livro não temia consagração.

A série de discursos e mensagens, cuja perfeição está na simplicidade, grandiosidade e persuasão tanto ao homem culto como ao semi-culto, a todos envolvendo é uma sã pregação patriótica de longa legião, uma cadeia de pensamentos corresponsável atravessando o país como um eixo de audácia que se foram escalando no tempo e no espaço a paisagem operária e orientadora que lhe era necessário dizer, transmitindo o profundo sentimento de confiança no futuro do Brasil de um homem convicto da grandiosidade dos desafios da terra nativa e que conclama sua concidadania a trabalhar com ele e com ele marcharem no labor e na disciplina, para uma fulgente meta de conquistas pacíficas. "O progresso é a ordem em marcha", disse Pinheiro e prova Getúlio Vargas. A Nova Política do Brasil é simultaneamente um eloquente baluarte do já alcançado a partir de 1930 — e uma lição a que todos concorram para a realização daquilo que a Nação ainda não conseguiu, mas a que pode legitimamente aspirar. Sim, porque mesmo quando apenas almeja, o grande condutor nacional e executor atrevido e sugestivo mantém-se dentro de um cauteloso espírito de possibilidade. Obra construtiva e de pensamento.

Mais de dois milhares de páginas de uma eloquência viva e brilhante! O leitor, a media que avança e sente constituir-se, na serena cronologia das coisas e dos fatos, a história desta última trepidação anseio da vida nacional, desce para preencher um Brasil novo, ve uma organização social de novos valores, impostos pelo realismo de um mundo em delírio de que formam a nova transcendente concepção da vida e da ordem. O novo valoriza a ideia de justiça social não só no ideal, mas o ideal de uma era limpa na ideia de solidariedade e do justo avança para amparar dos mais pobres e povos de todos.

A Nova Política do Brasil é obra original, porque a sua substância não se o fatos produzidos pelo mesmo homem que os fez viver e agora os expõe: ela é a vida nacional a partir de 30 e, especialmente, de 31 por aí — a em gratidão, como já lhe chamaram Poderia a obra de trair por epigrama a palavra profética de Emerson: "Toda instituição é a sombra alongada de um homem". A voz profeta sobre o Brasil novo, cobrindo-o como um espírito vivificante, para a campanha vigorosa, quase profética da renovação e do aperfeiçoamento conduzindo a nação não só na falda "mancha para o oeste", mas também em grandes e azuis planícies empinadas em todas as outras direções — ao norte, borralha e petróleo; ao centro, ferro, ao sul, carvão; a leste, a maior utilização do mar; a Avenida reconstruída; o Exército em delírio de reconstrução em todos os pontos cordões avies, mais avies, descobrindo desbravando, civilizando, enriquecendo.

O mesmo que periodicamente sucedem regiões conchadas por uma fatiada geológica a esse terrível plano destruidor de vícios e utilidades as

convulsões rachando a crosta da Terra, abrindo-lhe fendas e escavações abissais para as profundezas o que até então ficara a beleza e a felicidade da superfície. Pois poderíamos, ainda em linguagem de geologia, caracterizar a era getuliana como uma sucessão de sinos e avessos. Já que trouxeram das entranhas para o flor da terra tesouros que lá se achavam ocultos e envoltos no silêncio milenar das rochas conchadas a jamales serem aproveitadas. Assim, esses imensos depósitos de ferro que vasto e engenhoso plano começa a mobilizar para um dos mais grandiosos movimentos econômicos já realizados de um só golpe e que se integra na empresa de Volta Redonda — arsenal da indústria e da defesa nacional, coberto num pavão de artefeto patriótico e ora executado com vigor vulcânico, obra ao mesmo tempo arrojada e segura que nos emancipará definitivamente: a segunda Independência do Brasil. E Volcano é esse homem com as linguagens acadêmicas, tranquilas e medido, que temos diante de nós.

O minério não trazido pelas rubras gualdas dos fornos de Volta Redonda sobra para carregar da frota que o há de levar ao estrangeiro, pesando fortemente na balança comercial do Brasil. E com a criação dessa nova riqueza nacional, ele como vos tornastes e único bem-sucedido dos alpinistas de todos os tempos; conquistado, de fato, transformando ferro em ouro. Faltava procurar o petróleo, e ele está aparecendo, com as melhores promessas de uma nova riqueza nacional incalculável. Facilitastes a indústria do carvão de pedra, e graças ao acréscimo de sua produção, vai o Brasil dispôr de combustível necessário a grande siderurgia. O problema do alumínio e do níquel estão armados para uma solução prática. O do goma floresta e deste momento, não só a ressurreição de uma riqueza nacional como também a relevante contribuição para salvação do mundo. Está no comando supremo da "batalla na batalha", para cujo feliz desfecho puxes em ação a palavra que pensastes e a habilidade de estadista que sabe produzir e fructificar acordos internacionais. Já mais em vista de Brasil plano que hoje são cupido e tanta variedade de matas. As torres de aliberto são dignas das do rio-mar, em cada barra se trava o combate com uma miríade de juncos e de tucui para sua colheita. Na terra demais, uma derradeira, de maldade floresta, habitat do pára o inseto contaminantes, todo alongado as distâncias e quanto dificultando a penetração. No Inferno Verde, o Gato negro laeli e o aceso pericose...

O avião é o vanguardista da batalha da batracia, e ainda ao aproveitamento do incomparável soldado mercenário se manifestam a vossa clarividência e vontade de chefe. Presença de há muito o papel do avião neste país de imensa terra, em vasta porção, mal conhecida e deshabitada; so a velocidade e a autonomia da máquina de voar podem dominar a distância e o deserto. Los primeiros a compreender isso, logo entrastes a animar a nação inteira por todos os pontos. Inclusive pelo exemplo pessoal: pois dos que mais tem observado o território pário.

E o Exército Nacional? ativo e pujante como sempre, mais agora engrandecido, melhor, muito melhor aparelhado para a sua nobre missão. Tem o mesmo momento apercebida e acentuada como nunca a unidade corporativa militar de glórias, tradições, cujo feto nos desembravava na infância e

em vésperas de se repelirem em vovos heróis, abnegações e triunfos. A caserna é o núcleo da nacionalidade. Sangue novo, sob os cuidados necessários lhe infiltrastes nas veias, para maiores feitos de devoção e abnegação pela pátria. Em conjugação com o Exército, a Marinha Nacional revivenciada aparelhada de unidades novas, muitas constituídas em nossos estaleiros, também ela rica de tradições; a frota de guerra brasileira agora em ativo cruzar, veio protegendo a navegação e as costas, afugentando a pirataria estrangeira. Por seu turno, correndo parrelha com o Exército e a Marinha Nacional e assim cooperando com inteira eficiência, para melhor guarda do nosso vasto litoral — pois das águas territoriais, alça-se garbosa a Aeronáutica Militar, também criação vossa, apresentando já uma bela folha de serviços com que se recomendará cada vez mais a admiração e reconhecimento dos nacionais e até de estrangeiros.

No ardor e constância com que estimulastes a defesa do país, vulturas-se ainda a vocação do menino samborjense; constituiu-se soldado na alma, e a espada com que esta noite vos vemos é, em realidade, muito menos simbólica do que parece. Ao mesmo tempo que leixais preparar as armas para a defesa da Pátria, cuidastes do ensino e da educação com o desvio de quem mede em toda a extensão e urgência esses problemas fundamentais do Brasil. Esse é, sem dúvida, um dos méritos pelos quais mais vos recomendamos a escolha da Academia, sempre atenta a quanto concerne ao cultivo da inteligência dos brasileiros; não lhe podia, pois, escapar o vosso plano de abrir escolas, sempre mais escolas, ainda mais escolas. Na poucas remanias, alguém aqui assinalava o decréscimo que tendes dado aos admiráveis serviços da Cruzada Nacional de Educação, apareceu agora as estatísticas do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Nada mais animador: nos últimos dez anos, vinte mil escolas e mais quase duas milhões de alunos a aprender. Uma década de fundação ou latência infantil.

As grandes noções que constituem a mentalidade de um povo adquiriram-se na escola. As escolas, há dias, não birve dizem que é um primor de bem ser e de expressão acadêmica. O grande ampo das crianças não nessa inspirada ocasião em toda a plenitude de fé e de ideal patriótico. Que magnífico, hoje para a primeira legião das novas professoras e professoras que a partir do próximo parágrafo que os educava no Instituto de Educação — a casa de Benjamin Constant Anuncistas então: "Nesta Capital a Municipalidade agora já construiu mais de vinte prédios escolares e tem vários outros em construção, com capacidade para vinte mil alunos, graças — acrescentastes — ao Prefeito Henrique Dodsworth, que ainda conserva como antigo professor, o seu amor pela escola, mostrando decidido empenho em atender às necessidades educacionais da mocidade".

Assim é, em verdade. A população da cidade sabe que o seu Governador não dorme; que faz dobrar cedo as crianças para que cedo acorde, e sigam caminho da escola, em bando alegre, muleta dos livros às costas em demanda do benedito aprendizado.

Na Academia, portanto, entranças, como um autêntico intelectual que drade a adolescência, submeteu o espírito a uma apurada cultura e dele vem tirando robustos e belos frutos, prodigamente espalhados em escritos e discursos ricos de substância — e, não ab-

tauto, de forma viva, cuja simplicidade mais lhe resulta a elegância.

Ao leatro motivo de permanente interesse da Academia, demonstrado em concurso de prêmios, vindos, desde deputado, infundido alento e aos seus cultores nativos. O coraço agradecido da classe beneficiada chamou no direito que lhe deu garantida material e moral ("Leitinho Vargas"). Força vive um dos nossos — Arthur Azevedo — e um que entusiasmos teria feito ressaltar a esta Casa de atos de quem realizou aquilo com que o mestre sonhava: um teatro nacional, não deixado a deservido dos exploradores de artistas e do mau gosto da massa!

Entre os serviços que criastes para difundir cultura, educação e civismo, avulta o Instituto Nacional do Livro, cuja utilidade os números mais persuasivamente do que as palavras, experiment: quantidade superior a cem mil volumes distribuídos gratis, a fundação de cento e muitas bibliotecas, a regular subvenção de um milhão e meio de réis, a edição, já realizada ou em preparo, de obras de geral interesse, quase um dicionário biográfico e outro enciclopédico. O Instituto é particularmente caro a esta Academia que poderia ter por emblema um livro, em lugar das cores de louros; prestar-se-ia a nós as facetas que nunca a deixaram nem aos acadêmicos — e que ainda talvez ressaltam um aumento do prestígio dela e deles.

Mas se fazeis tão profusamente distribuir o pão do espírito, preparando-o para as conquistas futuras, não esquecerdes que no passado tira uma nação, além de orgulho, ensinamentos. A tradição forma a mística de um povo. Ela porque vos interessais pela preservação do ambiente em que nos nossos maiores forjastes a sua glória e seu martírio, trabalhando a pátria. Tal ideia, belíssima sob todos os aspectos, que vos inspirou a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico do Brasil, que conta, como o Instituto do Livro, quase o mesmo número de dias que o Estado Nacional, estocando bem identitativa. Os mais cultos homens de arte integram-se a obra — e mais que a glória, o ídolo júbilo — de haverdes sido quem pôde para sempre intertelar o Ouro Preto da Insconfidência e salvar das incertezas do tempo e da rapina, os mercantil e legião de Minas e as crônicas do Alajadinho.

Em contraponto, o Rio de Janeiro tomou agora rapidamente o feto de uma cidade de deslumbramento em que todos os atributos de uma organização moderna se modelam se resumem e articulam para um objetivo grandioso, em que o pulso de uma administração de artista finalmente conduz para um milagre de quase ressurreição, de vez que insuperável já nasceu, em sua natural opulência. Vai-se avançando sempre em tudo, enquanto se abre, também com deslumbramento e fascinação, novas avenidas. Na principal das quais — a do Presidente Vargas — se levantará em pedra o monumento de que os caracóis já trazem no coraço uma agradável imagem.

Ligados ao Serviço do Patrimônio, já os ricos e preciosos museus nacionais sentiram o vosso influxo, para o culto do passado, de que é uma escola do futuro. Nas salas do Império de Petrópolis se espalham riquezas das sete primeiras décadas da nacionalidade, e um ambiente sereno em que todo vestígio de pulso político se transforma em amor a Pátria, e os notáveis e estadistas de então nos parecem fundir-se com os homens contemporâneos no mesmo cadinho do patriotismo elevado, que elimina as escórias e sublima o culto ao Brasil.

Não me deixei justo e superior vos experimentos no recente discurso do Cabedal de Petrópolis, quando "em reconhecimento aos grandes serviços que o último Imperador prestou ao Brasil", o Presidente da República celebrava o luto nacional, e a lembrança viva de um dos maiores. Hontemagui belíssima e não apenas honrosa para os Chefes da Nação — o que tanto por ela fez e o que tanta a morte representando de proximidade diante as suas virtudes e os meritos seus, pouco de lado deixamos críticos e livres para contemplar no eterno ideal de serviço à Pátria.

Benedito seja, pois a vossa leuante ingenuidade. Assim e que certas estruturas de espírito mágico e redução pessoal, magnificamente culmas conquistam um como misterioso poder-dominio através das flutuações da opinião pública, imprimindo a tudo, consensu o vosso leito. Um pouco da vossa bondade — balizado em vossa ternura de bons papais humanos! Amar e servir a sua terra! Servir a nação, sem jamais lhe esquecer os objetivos espirituais.

Por isso mesmo, vos senteis bem, ali, na tarde, a vossa inauguração do Museu de Petrópolis, as gravuras dos jornais mostram a figura do Presidente da República a proferir sobre um fundo em que se desdobra a bandeira do Império. Sempre a vossa natural torcida, que todo compreende e faz dese benévolo sentimento um filtro que retém odios, ressurta animados e tudo de acabo concertando em benefício geral. Atribui-vos este conceito, cuja exactidão não procurei verificar, porque a autenticidade o lomo por autenticidade: "Não tenho inimigo, que amaria não possa vir a ser meu amigo". Desastes generosamente, logo após doloroso episódio revolucionário: "O Governo tem o dever de utilizar todas as excepcionais exigências necessárias a manutenção da ordem e na defesa dos bens que representa. Aplicando-as, não pode, porém abrigar editos nem intentos de vingança, sentimentos negativos e contrários à sua finalidade construtora. A função de governar, é, por natureza, impessoal e isenta de paixões. Sempre exerce a soberania, não se agita e dissimula: quase sempre está, ali, para o ter presentes os interesses superiores da Pátria".

Os anos dar-vos-iam, além do apreço ao jornalismo, a perfeita compreensão de seu limitado valor na vida de uma nação. O jornal é o Visitante que, pela manhã e à tarde, nos vem comunicar fatos novos e comentar os antigos; pode estar em harmonia ou em desacordo com o sentir nosso; mais, amigo ou adversário, nunca nos deixa indiferentes suas palavras. Sua importância a ninguém passaria despercebida e menos ainda a quem, depois de haver sido jornalista, e chefe de uma nação. A imprensa vem atraindo permanentemente vossos cuidados, e a ela facilitastes os meios espirituais e materiais que guardardão a dignidade da função e dilatardão as vistas das que a irão servir — a casa onde se reúne nos jornalistas, a escola onde jornalistas se formam. Vosso amparo tornou possível esse milagre de grandiosidade, conforto e assistência que é hoje a Associação Brasileira de Imprensa, e fazeis fundar o Curso de Jornalismo, enquadrado no plano superior de uma Faculdade de Filosofia.

Vosso amor à Imprensa não ainda manifestar-se por um terceiro grande ato: incluídes o seu trabalhador no quadro geral de proteção a todos os objetivos, e cuja criação é, em obediência, um de vossos máximos bo-

netidos à Nação. "Três milhões de trabalhadores, proclamou, há pouco, um de vossos Ministros, viram seus direitos reconhecidos espontaneamente pelo Estado, e nove milhões de brasileiros já se acenham sob as leis da previdência social". Tal a grandiosa obra que o vosso dinamismo político engendrou como base da paz social que hoje o Brasil disfruta. Não está aqui o fim de lutas de classes, agora entrosadas num só tema de harmonia e solidariedade. Logo porque o intelectual de certo preocupante político, além de tudo compreender, há um coraço que não abdicou jamais de sua dignidade, a par do maior espaço para fazer os movimentos de consciência e aproximação.

Porém, uma humanidade que não se dilacera e, em rivalidades, agressivas e temerárias, um mundo onde a tolerância destitua-se as ameaças dos antagonismos e a magnanimidade apazigua os rancores de lutas. Nesse bom sentido tem invariavelmente agido o homem que, para suavizar a prática política, modificou a geometria de Euclides: nesta, a menor distância entre dois pontos é a linha reta; a geometria gütuliana, porém, proclama como axioma que "o caminho mais curto entre dois pontos está na remoção cautelosa dos embaraços".

Mar de rosas, o caminho percorrido? Pois sim... Dos recifes dessa preciosa rota navegante algum já se livrou. Ao contrário, os obstáculos saltam de frente, às vezes de manhã a noite, e, quando não os há, inventam-se. O boató e, na Viena, o ártico ente que não dorme. Às vezes, muito raras, eis tentações. A crise, senhores de muitas faces, está fervendo. É o momento de repulso do boató. Cada um dá a sua solução. E o Catete calado mudo e quieto. E o homem da rua, o trabalhador, de bom-senso, sem mistura de malícia, sorrindo, como quem confia: "Vamos ver como o Götullo se sai desta". Dias depois, o Presidente, des-preocupadamente, está jogando "golf" no Ipanhangá; mas, antes de acertar nos buracos do campo, já acertara no caso difícil — que gra também um "buraco". A cidade passa a dormir tranquilamente.

Instituístes um Tribunal de Segurança porque, e claro, crimes não podem ficar impunes. Onde, porém, o instalastes? numa fortaleza? num coraço? cercando-o da garantia do isolamento e da proteção das metralhadoras? Nada disso. Foi localizado numa escola de bairro residencial, bem à vista de frequentíssima passagem, por sinal, à sombra amena de formosas uílis e "ficus benjaminae" da linda Avenida Osvaldo Cruz, cujo nome evoca o saudoso patriota que tambora aqui se sentiu. Nem jurestes a dirigilo — a comandalo — uma figura maviosa de catadora tão amareadora como a espada que emja; no contrário, entregastes a sua formação a magistratura feita a aplicação da justiça ordinária e tão própria para serenamente resolver sobre a sorte dos acusados. São cuidados que, entretanto, não surpreendem quando tomados pelo estadista que, logo ao assumir o governo revolucionário, decretou a limitação dos seus próprios poderes.

E a Justiça, em geral, da nossa terra? Como vos apreciam os Juizes? como interpretam as vossas atitudes no que tangem todo o Poder Judiciário? É o vivo que o fundador da Justiça Social no país devesse dedicar particular cuidado à Justiça integral pela qual moldou a sua mentalidade jurídica. Ninguém me perdoaria que, neste momento de tanta magnitude, eu não tivesse uma resposta a dar a tais perguntas, em honra a essa Justiça das minhas grandes e profundas saudades.

Numa palavra, um só episó-

dio dirá tudo, sem dificuldade de interpretações esdrúxulas. Certa vez, neste novo regime de tantas soluções acertadas, o Supremo Tribunal Federal resolveu convidar o Ministro da Justiça para uma sessão especial, de máxima solenidade: é um ato de recepção, altamente significativo. Falou o Presidente e o Secretário de Estado. Trocaram-se discursos laudatórios. As orações são convergentes: plena a harmonia. O Ministro proclama que a Constituição "conferiu ao Supremo Tribunal poderes de Governo". O Presidente, então, togado, na plenitude da Justiça Federal, de que é chefe supremo declara-se "confortado em poder ventilar o ritmo de nosso comércio social e jurídico" — suas expressões textuais.

Mais ainda. Os tribunais de apelação não fogem a essas propostas. Seus presidentes, reunidos nesta Capital em memorável conferência, prestam homenagem à Presidência da República. O Tribunal de Apelação desta Capital recebe então aplausos do Chefe de Estado e inaugura-lhe em formato grande o retrato com esta legenda sumamente significativa: "Homenagem da Justiça do Distrito Federal". O nobre e venerando Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, o donador e precioso companheiro de todos os tempos da vida da nossa Justiça, confraternizando nos triunfos conquistados na sua augusta missão, também vos confere a maior distinção de que dispõe — membro da honra da altíssima corporação. Possuís assim e já vos foi entregue com solenidade a condecoração do Centenário.

Será preciso dizer mais, Senhor Estado Vargas, para vosso respeito e conforto?

O anel de brilhante em direção que traz gravada a boia da Justiça, vos o conquistastes pelo estado; mas a natureza já vos doara ao nascerdes, a balança do bom senso, em que pesais tudo. Bom senso e instinto da ordem valem como o contro de gravidade de vossa personalidade, ainda favorecida pela calma que permite o máximo aproveitamento das vantagens do tempo; possuís o dom de saber esperar. O povo em sua pitoresca inventiva atribue-vos uma regra de conduta, que, nem por carecer de autenticidade, encerra menos de prática: "Deixa estar como está, para ver como fica". A posse dessas preciosas qualidades de ponderação e determinação oportuna permite-vos surpreendente segurança no agir e confiança na ação.

A vossa calma habitual! Bem ressalta esse forte traço pessoal um episódio sobre o qual solicito, por carta, o testemunho de Don Ramon Carcano, o eminente escritor que toda a América festeja, figura altamente representativa de sua nobre pátria, espírito fulgurante que esta Academia se ufana de contar entre os seus membros estrangeiros e que deplora não ver aqui hoje, sentado entre nós, por saber-lo caloroso admirador do recipiendário.

Como resposta a meu pedido, teve ele a suprema gentileza de me enviar os originais do livro então ainda no prelo. "Meus primeiros oitenta anos", onde aquele ex-Embaixador da República Argentina em nosso país aliado ao jantar realizado na Embaixada, certa noite, em que o anfitrião chegou a agradecer que o convidado Götullo Vargas não viesse, mesmo porque — havia motivos para crer — não poderia vir. Certo o banquete lhe fora oferecido oportunamente, e ele o aceitara. Ora, palavra de Presidente da República é como a proverbial palavra de Rei. Mas, entre a aceitação e o banquete ocorreu algo extraordinário: precisamente na manhã do dia fixado para o festim vieram à luz o Estado Novo — nascimento que foi uma geral surpresa, o que entretanto, não significa

que tenha vindo fora do tempo... Seria crível que o Presidente pudesse jantar fora do Palácio naquela mesma noite de tão sensacional acontecimento, um dos grandes da nossa história política? O próprio



Alcântara Machado, o ilustre escritor paulista, autor de "A Vida e a Morte do Bandeirante". Em sua vaga, entrou o sr. Götullo Vargas para a Academia Brasileira de Letras.

anfitrião justificava de antemão como de força maior a sua comparencia de um convidado em tão especial situação.

Entretanto, continua a narração: a hora marcada chegou o Presidente e sua família, sem uma guarda nem qualquer vigilância. O Presidente cumprimentou-me e diz-me sorrindo: — "Os brasileiros sabem cumprir as promessas". — Ainda que haja mau tempo — retorquiu o Embaixador aparentemente referindo-se à chuva que caía, mas intimamente, como se, em vez de mau tempo, dissesse: "tempo quente". A refeição decorre serenamente. "No Presidente (assinala o narrador) não se nota nenhum cansaço nem preocupação". E o Presidente permaneceu na Embaixada Argentina quatro horas da primeira noite do Estado Novo — desprecocupadamente, insiste em referir o seu atilado observador rematando: — "Eu estava surpreendido". E tinha de que...

Mas, Senhores, a hora passa, já quase passou, e todavia, restam tantas coisas a focalizar — essenciais no inventário público a que a Academia se entrega nestes discursos, com que deve fundamentar uma nova escolha. Já não posso nem sumariamente comentar o que falta, e assim mais uma vez tenho de relembrar a leitura dos nove volumes d'A Nova Política do Brasil". Ai está o autor a justificar a Academia. Preciso este pobre orador de reduzir a extrato concentrado a imensa e substanciosa massa do assunto, para a servir num comprimido, que aliás, por imperícia sua, o manipulador recela possa ter efeito hipnótico.

Seja-lhe, porém, permitido acrescentar ainda um traço a este sacrificado esboço de personalidade tão complexa e que, todavia, é tão simples — e por sua simplicidade, ama os humildes e as crianças. A criança é um dos vossos permanentes prazeres. Gostais de acariciar-las, seja na atravessada rua carioca, seja sob as magnólias de Petrópolis, ou ainda entre os índios da Amazônia. Enquanto o coração as afaga, o espírito vê nelas, já dissestes, o futuro da Pátria. Alguns tornam-se gigantes, como sementes de frondosos carvalhos — pensamento de Dickens que é também o sentir vosso. Por isso, elevastes as paradas infantis à categoria de festas civicas — a meu ver, um dos mais belos espaláculos do Estado Nacional. Galgastes, um dia, asperlo morro petropolitano, muito longe da cidade, bem na fronteira do outro município em cujo isolado cimo um modestíssimo lar operário foi encontrado na hora do pequeno descanso da labuta

diária. "Até aqui, Sr. Presidente!" exclamou entre surpresa e sorridente, o bom homem chefe da família. Sentado, a vontade, sorvendo o perfume do café de bom sabor, que acetalastes, tivestes o costumeado prazer de acariciar no colo uma das lindas crianças da sadia prole. A hora da partida, um pedido vos foi dirigido, com certo acanhamento, pela mãe catifeira, — o da vossa fotografia. E hoje, lá na casinha pequenina, pende da parede, em lugar de honra, o retrato do Presidente que a visitara, e que remetera sabe Deus com que prazer... Assim, no coraço dos humildes moradores do morro ficou para sempre o reconhecimento por uma hora feliz.

Recomendastes aos interventores nos Estados a proteção a criança como devendo ser uma "preocupação política nacional". Em vos começa por ser uma preocupação de afeto — duplamente afetiva mesmo. — pois que ao vosso lado tendes sempre alguém que aplica inextinguível tesouro de bondade a edificar a espiritualmente mais bela cidade imaginável — a Cidade das Meninas.

Como para as crianças, vides incansavelmente dando e recomendando amparo às mães, não esquecendo tampouco os pais de família numerosos. Não contanto com a generosidade espontânea dos solteiros, gente sempre suspeita de cuidar em demasia de si própria, decretastes um imposto de celibato em benefício dos autores de prole abundante. Tão viva é vossa preocupação acerca da ampliação da família nacional que, certa vez, em Petrópolis, numa agradável mansão, onde leal amizade comum nos sentava a mesa do almoço, me interpretastes sobre o meu gelibato. Este triste estado civil que sou o primeiro a deplorar e objeto de atentas advertências por parte de senhoras; algumas ainda hoje, tem a tocente gentileza de me aconselhar o casamento. Vos mesmo, naquela agradável manhã petropolitana, bondosamente vos propusestes a ser meu padrinho na cerimônia nupcial; quis, porém, o destino que, antes, eu fosse o vosso na Academia; e não oculto o recelo de vos deixar na contingência de aguardar largos anos antes de me retribuídes este parafinado, entre as galas de uma noite que não cessa de ser de festa, mesmo quando do relembrar a definitiva ausência do primoroso companheiro Alcântara Machado, já que mitigada com o tempo a dor da separação, dole floude aqui, nesta casa, uma saudade que agora não entristece, porque envolve num clarão de inteligência, beleza e força: o paulista de quarentos anos continua vigoroso depois de morto.

E as flores que aqui vejo recordam-me uma vossa atitude requintadamente gentil, que, inspirada a princípio por sentimento individual, acabara revestindo significado interno nacional. Quando estove no Rio o General Estigarribia, acolheu-o o mesmo cordial afeto que, algum tempo depois, vimos reproduzir-se nas manifestações a seu sucessor General Morinigo; para ambos soube o Chefe da Nação encontrar meios deversos toques de lhes fazer chegar o carinho do coração brasileiro. Bastou que houvesse percebido a especial estima do General Estigarribia às orquídeas para que, cada manhã, mandasse ao ilustre hóspede novos exemplares da flor predileta. Tempos após, terrível acidente golpeou o presidente, paraguai e sua ilustre esposa, que voavam fumos, de avião, e juntos voaram para a eternidade. Interprete do maguado sentimento nacional, nosso Governo enviou, pelo ar, distinto general que seria um dos seus representantes no funeral e levava como preito pessoal do Presidente Vargas, um ramo de orquídeas, a ser depositado na sepultura do desdido casal. Estou informado de

que essas flores ainda lá se encontram, como a expressão da saudade brasileira. E símbolo também de uma política: orquídeas, flor sem espinhos.

Vosso feto pessoal, tem alimentado, como a todo grande homem político, extenso auctorato, sempre renovado, significativo índice de avosa admiração, vel, permanente. Inevável popularidade. E de notar que em todas essas histórias acabou vencedor: sois a figura do bom êxito; quando ele vos bate as portas, o povo diz: — "Qual o Presidente tem mesmo estrela?" Mas, afinal, que é ter estrela? Aca o deitar-se na rede o aguardar que a estrela se erga, radiosa e benéfica, iluminando o caminho do sucesso? Ah! pobre de quem assim duplamente se embalsame — na rede e na ilusão! Não. Ter estrela é conhecer um plano, meditá-lo, e forçar para perseverar nele, confiança e paciência para esperar seus resultados.

Eis o vosso segredo. Não gostais de precipitar, não abandonais em meio os empreendimentos. E, quanto a aguardar pacientemente os resultados, sois o mestre que passa por descoberto o processo de "cozinhar em água fria..." Se existe a lendária estrela dos grandes triunfos pessoais, ela está dentro do próprio contemplado com esse conjunto de dois condutores do esforço — do esforço sem o qual a estrela não se erguerá, continuando deitada como o fatalista preguiçoso que espera na rede que ela lhe venha brilhar. Vós, ao contrário, o esperais aquilo que vos mesmo preparastes com providência e calma; não vos antecipeis aos acontecimentos, porque de antemão sabeis como virão; a ação vossa assemelha-se a da linha que, circulando na planície, há de um dia, necessariamente, amadurecer-lhe o fruto. E, assim, sabeis colhê-lo nas melhores condições — sem o manjar nem vos maguades. Um tal espírito, só, considerando o possível, sempre dentro da realidade, há de, sem dúvida, acertar. Vosso continuo bom êxito não precisa encontrar explicação fora de vos mesmo. Por isso, vossa vida é uma lição. "Professor de presidentes", chamam-vos, há pouco, um Chefe de Estado sul-americano.

Vós concluir. Sois, de fato, o alvo vivo e penetrante do nosso destino nacional. Jamais vos afastastes das graças protetoras e da remissão de culpas — símbolos encantadores que são, da alegria, da floração, da harmonia, do esplendor de beleza ornamental entre os magnas guias de nacionalidades. Atrai-la da palavra e da pena ao notório, cultor da discreção, escravo da simplicidade, a Academia, que vos elegeu num tranqüilo de franca satisfação, agora vos recebe com verdadeiro júbilo. Foi sob a égide do vosso auctorato, eminentemente produtivo, que tiveram alento e realidade as muitas e várias das nossas aspirações; foi ele que concebeu, errou, corporificou e levou a cabo um habil sistema acentuando o florescimento da vida cultural, do país, no tocante à ciência, às artes e, particularmente, no que interessa a literatura; e que, ao calor da luz do habilitissimo artifice de sua finalidade, fez a existência do Brasil assomar mais linda e mais festejada.

Eis porque, de ânimo calmo e refletido, me sinto a vontade para saudar, neste augusto momento de tanta elevação de corações, o recipiendário de excepcional relevo, que, sem se deixar obliuvar pelas atividades governamentais, limbrou em manter e cultivar os seus pensadores literários, na mais perfeita participação dos objetivos culturais, fazendo prosperar engenho e arte em prol da honra e da soberania da Nação, mantendo cada vez mais

O Discurso de Menotti Del Picchia

O texto do discurso pronunciado pelo sr. Menotti Del Picchia é o seguinte:

"Elevando-me a esta culminância, parece-me sentir a existência de uma longa caminhada. De onde vim para chegar ao aqui? Que asperos caminhos interiores rasguei, pisando vivos pedregalhos da alma, para não faltar a este encontro marcado a mim mesmo num puro sonho de mocidade quando a saciedade acadêmica era o prometido quilômetro de glória destinado a coroar esta dedicação interior na covas do espírito num esforço que adivinhava ser longo e ser rude?"

Ingenuo era o moço que tal se prometia não levando em conta a desproporção da recompensa diante da indigência de suas possibilidades. Tinha, porém, a desculpa-lo, a precocidade da vossa generalidade.

Vós, heróicos caminhantes de peregrinações anteriores, vieses esperar-me nesta cunhada. Brilha nela o sol da imortalidade. E aqui a zona neutra do espírito na qual os mortos e vivos realizam o milagre terrestre da presença perene dentro das suas criações de arte. Penetro, finalmente, no sentido da vossa "imortalidade". Ela existe em função da vossa constância, que é soma de crença, de trabalho e de criação e, depois, sucessiva substituição de alma por alma quando um corpo exaustado a devolve à perenidade das memórias e o outro corpo a recebe como o archoote intacto renhe, do que se extingue, a alegria festiva da chama!

RESGATE DE UMA DÍVIDA

A glória desta Academia me reconduz a um ensolarado trecho de juventude, na Itápiara dos céus inconfundidos, com seu parque suspenso como um jardim babilônico sobre as escarpas da Cubatão, mirante destinado a mostrar as cambalhotas líquidas de que é capaz o rio do Peixe, as tonalidades verdes que enriquecem a várzea e a fascinação nômade dos acampamentos dos ciganos. Agito tudo isso — memórias de homens e desenhos de paisagens — uma tão espessa rajada de lirismo e de saudade que traz nas suas asas a música ingenua das estrofes dos "Poemas do Vício e da Virtude", balbucio inaugural de minha descolada aventura literária, livro de estrela que Sousa Bandeira parafinhou.

Eu me lembro de duas mãos trêmulas rasgando um envelope que possuía algo de terrível e de mágico; a chance da desta

casca. Lembro-me da letra firme do mestre insofegado, letra que um grafólogo catalogaria entre as dos homens íntus e sem mistério, do palpitar louco do coração daquele rapaz de dezesseis anos depois de ler tão suspirado prefácio. Quem diria que a esse rapaz poeta provinciano, fora dado, no seu chepusculo, atingir esta altitude, não para vangloriar-se nela, mas para relembrar como foi generoso para com a mocidade aquele companheiro morto. Quis apenas resgatar velha dívida riverenciando, com esta referência pessoal, na porta da Academia, a sombra amena daquele que me abriu as portas das letras.

DEMOCRACIA ESPIRITUAL

Senhores acadêmicos. Aqui estou, um pouco ofegante, porque a subida, é, no fundo, uma cansaça. Não tenho ainda prática deste Olimpo de deuses terrestres, nem pude respirar com fartura este clima de imortalidade. Por instinto, porém, mais que por experiência, posso imaginar que nos é dado aqui, com mais serenidade, embora não sem melancolia, avançar melhor todo o passado esforço. Não há como conduzir validade para esse auto-ajuste de contas, uma vez que já se entra por aquela quadra da vida em que as primeiras sombras da tarde, sendo as primeiras trevas da noite, tiram ao contorno das coisas suas pontas mais agudas. E condição humana chorar sobre o próprio sucesso. Esse tributo de lágrimas que a emotividade presta à própria glória, tem a força de um símbolo; é a contrapartida de angústia, de drama ou de decepção, que custa a todo homem qualquer forma de realização de si mesmo.

Para mim, a maior dor neste instante tão decisivo para minha vida é não ter o meu pai a meu lado. Eu poderia evocar, neste momento, sua tímida figura de imigrante. Ele está morto. A terra brasileira tem agora seu corpo como teve, antes, a sua alma. Essa evocação não seria uma festa íntima de memórias: seria uma tese, a tese da democracia brasileira, democracia que é simbiose de raças, fraternidade humana, solidariedade das criaturas de todos os quadrantes do mundo na terra mais livre do universo.

Eu imaginaria o navio chegando, ali por volta de 87, atracando no cal de Santos, num porto fumegante de carqueiros alinhados em trapiches de tabuas e ainda sem o milagre

profético de Emilio Ribas e Ovidio Cruz, não sonhando com o esplendor orgânico e compositivo dos cascos e tendos de barrar o céu a sombra verde e impressionante dos contrafortes da Serra do Mar, nos quais parece enclinar-se o planalto contra a repetida nudada das múltiplas entradas.

Seria uma criatura assustada e escoteira, tomada de pânico diante da terra-enigma, com o complexo do expatriado na alma, com a timidez do meteco nos olhos, com uma alerta reação de defesa em cada ângulo do espírito. Seu drama seria igual ao de centenas de milhares de criaturas desorientadas dos seus lares pela necessidade, pela inadequação de seus espíritos libertários dentro de velhas civilizações estagnadas ou reacionárias ou por uma inquieta e fecunda sede de aventuras e de panoramas.

A causa não importa. Importa é a consequência. A consequência, na generalidade, é isto: uma paga de muito amor à terra que lhes deu guarida, paga de amor que, por misteriosa hereditariedade, se torna mais violenta na prole.

Lembrei toda esta história para explicar a carga de palpitação pelo meu país que ficou no meu espírito e que palpita em todas as pobres páginas que escrevi em verso e em prosa. Meu incandescente nacionalismo talvez tenha suas raízes subconscientes numa gratidão ancestral pela terra farta e rica que não se trançou esquivou o egoísmo, ao forasteiro que veio de longe, galopando nas ondas do mar, à procura de uma pátria nova. Não ignoro que, num país que tem pouco mais do que quatrocentos anos, todas as famílias podem guardar o nome do navio que conduziu de além oceano os seus antepassados. A gloriosa aventura cabralina ainda se assinala num calendário contemporâneo. Há nos Pereiras e Albuquerque, nos Cavalcantis e nos Dórias, nos Wanderleys e nos Cochranes, o longínquo soltaque luso, italiano, holandês ou britânico, que seus heróicos progenitores trouxeram dos rincões nativos. E' justo, entretanto, que os que não tem, no mesmo Estado que nos serviu de berço, os "quatrocentos anos" de planojo que ilustram o brasão patriótico de gloriosas vergontes bandeirantes, mas sentem no corpo e na alma aquela funda solidariedade humana que vem de alguns milhares de séculos de convivência dentro das mais tremendas vicissitudes da história, que, ao se lembrarem da galalhada oferecida aos peregrinos de outras plagas, tenham orgulho de pertencer a uma pátria assim generosa e assim livre. Essa é a alma das Américas! Esse é o exemplo humanitário das Américas! Esse é um título de honra e de glória para o Brasil.

E' por isso que amamos e adoramos este Brasil, pátria de todas as liberdades, matriz viva da democracia concebida na mais pura, mais vasta e mais humana das suas formas: a fraternidade, isto é, a união, a solidariedade e a coesão das criaturas numa comunhão na qual foram eliminados todos os preconceitos que dividem os homens. Aqui Sem Oam e Jafet não trancam as entradas das suas tendas neste colorido acampamento para que seus filhos se cruzem, operando-se assim o mais belo amalgama étnico da história. Aqui, realizando a admirável imagem de Alberto Torres, o mito de Babel se inverte para operar-se não a confusão, mas a fusão das línguas. Aqui os deuses de todos os céus do mundo saem das suas catacumbas, sinagogas, templos e mesquitas para se confraternizarem na sublime essência de um

Deus único, cuja religião é a solidariedade entre os homens. Aqui não há a estulta patrulha do orgulho racista a indagar aos que, através do caminho oceânico, veem bater à vossa porta: "De que recanto do mundo trazes o pó das tuas sandálias?"

E' que, por força de um destino, foi irradiado, de uma terra fadada a mais extraordinária experimentação social, um chamado festivo dirigido a todos os espíritos livres, a todos os praticantes de boa vontade, a todos os temperamentos aventureiros e imaginários, a todos os homens que sonhavam com um estilo de vida incólito e libertário. E' atendendo a esse chamado, por mais de quatro séculos, homens de todos os quadrantes aqui foram-se reunindo dando como resultado esse maravilhoso Brasil, nossa pátria, terra da esperança no mundo.

O DRAMA DE UMA GERAÇÃO

A minha geração foi dada um triste lugar no mundo. Surgiu ela para a consciência social no instante dramático em que a estrutura de um ciclo histórico rompia-se mercê da revolução da técnica. A arte — que é uma constante sondagem do espírito em todos os setores da atividade humana — denunciou essa quebra de ritmo antes que a ordem burguesa tivesse consciência do cataclismo. Fomos brutalmente atirados para a zona vulcânica de terríveis reajustamentos. Nessa fase, que implicava na quebra de velhos quadros políticos, estéticos e sociais, cabia aos artistas procurar os novos rumos.

E' natural que tenhamos cometido muitos erros. Rasgar caminhos desconhecidos é, possivelmente, tomar atalhos que desbordam no abismo, mas ninguém negará bravura a essa caminhada, conduza ela às verdades do futuro ou aos erros do momento.

Nossa luta consistiu em alargar o campo das nossas liberdades cada vez mais comprimido pelo próprio gênio criador da humanidade. No setor da economia, assistimos ao gigantesco desenvolvimento da máquina e ao subseqüente antagonismo entre a máquina e o homem e ao crescente verticalismo plutocrático em oposição ao crescente horizontalismo da miséria. Sedentos de justiça social, batemo-nos por uma mais intensa democratização das massas num sentido efetivo e largo, o que importava em povoar de alguns pesadelos a letargia noite da burguesia.

Como se vê, as descobertas da técnica não ajustada à ordem social implicam em novas formas políticas. Por outro lado, essa mesma técnica no campo espiritual, torna-se uma prisão e uma limitação. Encurtando as distâncias, encurta o mundo. Explicando os mistérios, esvazia-o de toda magia. Esteriliza e limita. O desconhecido foi sempre uma área de infinito disponível à imaginação do homem para a realização da sua plenitude dentro do domínio plástico e sedativo do fantástico. A ciência, ao tempo que amplia o domínio dos conhecimentos, reduz a uma realidade sem margem de mistério um pobre mundo positivo e explicado.

Dentro da sua aridez racionalista, somente poderia surgir uma geração cética ou revoltada, se não tivesse ela a virtude de ter sido revolucionária e heróica. E' que o trabalho de redução de um superado estilo de vida implica no aniquilamento de todo um sistema de idéias, de processos e de formas pertencentes a um caro e doméstico quadro de valores morais, políticos, estéticos e sociais que é mister recompor.

Diante desse novo mundo ra-

cionalizado, dentro de um excesso de objetividade que traz como consequência, tal qual observa Thibaudet com relação a Voltaire, "um caos de idéias cruas", teve nosso instinto que procurar nutrirlo de lirismo. Todo nosso esforço tem consistido em descobrir nesses escombros do mundo que nós mesmos ajudamos a destituir e nos vagos lampejos da Era Nova que nasce num monstro parto de sangue, a sua íntima e prodigiosa poesia. De fato. Pensando bem, nunca foi o mundo — esse mundo esquelético pela técnica e planificado pelo cientificismo — mais forte e enigmáticamente poético na sua entalheísmo gramá. Superamos, ergulho, Montanhas, Jôu, o Volcânico de Fátimas. Não há nada que exalencie mais sub-humana poesia que o Apocalipse. A época é nihilamente apalética. Há um sentido oculto em todo o desdobrar pavoroso de eventos. Veremos arranjos nos céus torcidos as trombetas das anunciações. Não serão anjos de cinema: serão as potestades das profecias, forças concretas do destino aguardando sua hora num díbrum de mundo ainda não devastado pelos instrumentos científicos.

Procuramos renutrir o universo com poesia. Na ordem econômica, encontramos a poesia das reivindicações sociais, poesia de massa, largo coral prodigioso da solidariedade humana. Na ordem política, buscamos em campo todas as pesquisas numa inquieta e fecunda procura de mais equitativos e mais livres processos de convivência, procurando aí a poesia da cooperação e da camaraderie. Na ordem estética, quebramos os velhos moldes rígidos em que o verso, com o coral, se calcinara na parada monótona do desenho duro e exterior. Transpusemos as fronteiras do subconsciente e do supra-real, incorporando uma vasta área de pura sensibilidade e de valores mágicos ao patrimônio anterior, criando assim novas possibilidades e novos ritmos. Esse trabalho ousado e renovador teve seu ponto de partida na revolução modernista de 1922, data expressiva por assinalar o primeiro centenário da nossa independência política e por tornar-se um marco divisor de duas épocas assinaladas por duas mentalidades.

Sinto orgulho por ter pertencido a esse pelotão de vanguarda na revolução do pensamento brasileiro. Disse "pensamento brasileiro" no seu sentido universal, porque, dentre vs, Cassiano Ricardo — que foi com outros acadêmicos, nosso companheiro — enquadrando-se na falange revolucionária, que já se rebelara contra o regime estético reinante, declarou, em oração que ficou famosa em meu Estado: "Esta revolução não se restringe aos arraiais da arte: ela atingirá, sobretudo estrutura política". E podíamos acrescentar mais tarde: ela marcha frontalmente para o campo social.

Lá estão, na atormentada história da elaboração do pensamento novo, nas idéias dos seus grupos e na movimentação poética das suas dissidências, os germes de todos os caminhos e desaminhos ofertados como hipótese de solução a este momento crucial da pátria. Uma fecunda angústia nutriu-os de certa ou errada vocação profética no nobre intuito de querer anteciper para o nosso povo a forma social do seu amanhã, procurando entrever ainda na sua matriz confusa e hoje sangrenta, as linhas que marcarão o perfil da Era Nova.

MEUS NÚMES TUTELARES

Senhores acadêmicos. Três nomes estelares debruçam-se em conotações sobre a cadeia que vossa generosidade me destinou: Manuel Antonio de Almeida, Inglês de Souza e Xavier Marques. Sob céu tão estrelado vai abrigar-se um

unidas as fortes alianças tradicionais das nossas províncias políticas e espalhando, ao mesmo passo, servido pela brilhante vigilância de nossa Chancelaria, perconas harmonios pelo largo âmbito da confraternização continental.

Do alto de seu púlpito de ouro exclamaria Mont'Alverne: "eis os feitos que dão fama duradoura, que imortalizam; são os soberanos troféus que perpetuam na posteridade as orações e o renome".

A incorporação de um tal valor intelectual a Academia é ao mesmo tempo consagradora dos seus méritos e de nossa capacidade de escolher. Bem significativo parece-me o haveres recebido a notícia de vossa eleição acadêmica no espírito de uma catedral, onde solene "Te-Deum" exaltava a presença presidencial nos "confins ocidentais", lá pela risonha Culabá, a terra dos palmares. Um católico vê na circunstância mais do que uma coincidência — um delíquio divino; e o repique dos sinos teria ecoado aos ouvidos dos crun-

tes como vozes do alto lex triando a eleição do estadista que restabeleceu o ensino religioso nas escolas, para que as novas gerações tenham bem presente que só as virtudes cristãs asseguram a vitória aos indivíduos e às nações — como vos aconteceu na vida e vai igualmente suceder ao nosso amado Brasil, graças à política sábia e humana que nos fez combatentes nesta guerra. Justificada pela transcendência de uma luta salvação da humanidade.

E, no dia em que raiar, a aurora de triunfo e redenção, que majestoso "Te-Deum" elevará ao Céu, com o incenso dos turbilhões, o vosso nome, entre as hosanas do reconhecimento nacional! A Academia exultará, repicará sinos, subirá girândolas, e os corações brasileiros elevar-se-ão com a vitória do Bem e do Direto num mundo para cuja reconstrução sobstele guiar um povo grande e generoso, a que proporcionastes a honra de cooperar diretamente ao maior movimento de libertação já registrado na História e na mais profunda reação da consciência universal.

espiritualidade dentro de um exultador da terra dos cafeeiros. Tudo falta ao subalterno: o "humor" do primeiro, a paisagem de magia em que viveu o segundo e o claro solar que iluminou o terceiro.

Sentando-me, porém, na poltrona verde, o primeiro dos seus patronos me impõe logo sua presença de mestre. E com ele que devemos aprender como se faz um romance brasileiro. Manuel Antonio de Almeida — com as "Memórias de um sargento de milícias" — é cartaz de hoje. Xavier Marques ao registrar a estranha força dessa obra que varia um século e se ritualiza como se a escrevesse romancista de agora, observa: "Saindo assim a pintura de Manuel de Almeida tão viva e tão natural que a crítica de hoje, apesar de nosso vigoroso rigorismo em arte, de boamente lhe revirou o desalinho da frase e a incorreção da forma, tendo por excelentes compensações a veracidade e a fidelidade com que foram reconstituídas as figuras corriqueiras da velha sociedade carioca".

Naquilo que o mestre balança veladamente censura, talvez reida o segredo da atualidade surpreendente do romancista carioca. "Naturalidade na exposição — segundo Silvio Romero — viveza no diálogo e nas cenas descritas", "nacionalismo do assunto e das cores do quadro".

Ria onde queria chegar: aos ingredientes substanciais que dão a um romance brasileiro seu verdadeiro corpo e alma: "nacionalismo e naturalidade". Nacionalismo é marca especial destinada a localizar uma obra dentro de uma zona de história, atualidade, e sua imersão na verdade humana, limpa do pecado do intelectualismo. A obra de arte populariza-se tanto mais quanto mais tenha naturalidade. De outra parte, universaliza-se tanto mais quanto mais exprima nacionalidade. Torna-se, dessa maneira, documento vivo, isto é, parcela original de um processo humano a tomar-se ao acervo universal da cultura, com contribuição inédita da expressão vital de um povo em dado instante da sua história.

Se Manuel Antonio de Almeida era, através das suas criações, um mestre de boa brasilidade, não menos o foram Marques. Pedacos vivos de Brasil os três romancistas fixaram nos seus livros: a capital do Império na pitoresca fase colonial, o fabuloso cenário da Amazônia e a Baía sempre tão variada e tão rica de módulos de vida nacional.

Seus temas são os da terra e do homem e seus problemas são os da nossa comunidade. Seus personagens não ficam com os pés no Brasil e a cabeça na Europa. O destino de Leonardo, o futuro "sargento de milícias", o drama do padre Antonio de Moraes do "Seminário" e a evolução de Nazário, em "As voltas do caminho", são três posições do homem brasileiro dentro de três ambientes nitidamente nossos. Na capital enlameada e alegre, é a movimentação jovial de uma plebe pitoresca, tangida às vezes pelo bengalião do Vidigal, mas sequiosa do prazer. Insênuo de apitar se em torno dos andares do Espírito Santo ou de cheirar a pólvora queimada dos fogos de artifício no Campo dos Cazuas. Na dramática Amazônia, é o pânico e o silêncio do homem diante do obscuro drama de um mundo larval, resto esmaecido e verde da oficina da Colação, que talvez um Deus curvado ou expulso pelas máquinas houvesse abandonado ao esquecimento e ao qual ainda se pode acompanhar a fútil gestação de monstros vegetais e animais, que rompem da vana como de um ventre apocalíptico. Na Baía, mãe do Brasil, são seus mares e suas ilhas, suas cidades e suas aldeias, com seus tipos e seus costumes.

E assim, num sadio e doméstico clima de brasilidade, que vou agasalhar a minha. Ela vai ser a irmã pobre nessa trindade milionária. Traz apenas as acordes de um violão de fazenda, o canto dos colunares carregando café dos espigões para o terreiro; aptos de fábricas; corais proletários de um romance industrial que ensala uma ousada forma de civilização nesta parte da América. Num pobre livro que evoca o "despertar de S. Paulo", traz também o murmúrio de dola arrolos quase rastos, mas que tão fundamentalmente vincaram a história nacional: do Anhangabau que deu água para amassar a talpa do primeiro Colégio, e do Ipiranga, que ofereceu a água histérica para o batismo da nossa independência.

XAVIER MARQUES

Xavier Marques foi um dos preparadores e anunciadores da minha geração. Subitamente apresentou o drama mundial, porque sua inteligência era argumentativa política. E verdade que todo o homem de letras, que disponha de algum gênio, possui, por função, um conhecimento universal, pois a própria obra de ficção é uma sondagem no corpo vivo da sociedade. Há mais "sociologia" na "Comédia Humana" de Balzac, que no ingênuo rigor científico de obras que, na sua época, tentaram estudar a conduta dos homens e fixar suas leis. O mundo da decadência romana está todo na prosa jornalística de Luciano. A "Divina Comédia", é globalmente a Itália política, jurídica, religiosa e social da aurora do renascimento. O escritor antecipa o sociólogo. A força do vaticínio que se atribua ao "vatum" não é mais que rigorosa e utilíssima pesquisa. O artista é a vanguarda social. Penetra nos problemas antes que a ciência os analise. Descobre, pois, por antecipação. E por isso que se lhe atribua a facilidade de aparentemente "adivinhar", quando apenas o que ele faz é "saber antes", e o que nele é mera ansia de conhecimento e irrequinta curiosidade, torna-se, para o vulgo, dom mágico de adivinhação.

Permiti, porém, que antes de falar sobre o baiano, destina meu canto de muito amor à Baía... Nossa pátria está desde o dia do seu nascimento impregnada de Baía e mesmo os que como eu, já não se destacaram das comportadas garças do planalto, vivem em imaginação, ardoendo sob o claro solar e jovial da Baía, da Baía que é "boa terra", que é a Belém americana onde tornou a nascer Jesus. O Jesus crente e pitoresco dos anjos municipais. A Baía, colorida farfunda de racas, esquinha do mundo onde marcaram encontro "o índio e o negro da África, o corsário breão e o fidalgo espanhol, o marinheiro baiano e o soldado flamengo, o cigano bargante e o judeu mercador, o colono português e o mestiço brasileiro": "os arcabuzeros de Melé e os capitães da "Renda", de Rembrandt". Baía! Não posso evocar essas três silabas, que lembram três notas musicais, sem lhes juntar a cadência de um ritmo em ritmo agudo e tutucado, fundamental na marcação harmônica do que há em estética, de mais brasileiro. Baía! Não posso ouvir tal nome sem me guindar a currais condoreiros, entre os relâmpagos das imprecações, entre chibatas verbais que queimam não mais a carne empalmeada e sangrenta do escravo, mas a bochecha prinda e deslizada do traficante de negros. Baía! Baía de mulhices inextinguíveis que morrem pelo Brasil com amor-te sabiam morrer, prontos de pólvora, queimados do sol da África e das gessas da Rússia, por seu ídolo e seu imperador, os soldados da Velha Quarta; mulhices que a morte encaucou com a medalha de "aquele da Terceira", mulhices que tam-

bam com o crucifixo no peito como Joana Angélica, ou como o rifle na mão, como Maria Quitéria. Meu cidadão, Baía, erigiu tribunas políticas no meu sangue, e Rui nelas se debreava a prova, formidável, antecipadora, cheio de advertências e de vaticínios, como um profeta. Baía! Baía dos professores colendos, dos borrascosos ministros imperiais — Calrús, Zacarias, Saraiva, Cotrigipes —, de uma culinária mais apimentada que a política e de uma política mais ardida que a pimenta. Baía que vi apenas nos crêdes postais, colorida como um prego, nacional como o verde e amarelo da bandeira, requetada e típica, culta e original, terra do amor e para se amar, terra do bem querer para a gente bem querer... Há em todo o brasileiro amor e orgulho pela Baía, pela Baía que todos estalam, mas que eu amo de maneira mais desinteressada e melhor, como François Rudel amava a "Princesa lointaine", o bem que ele não viu, o bem que não vi.

Dessa Baía é Xavier Marques, seu narrador, seu homem de pensamento, seu poeta. Mas Xavier, a meu ver, é uma Baía diferente, mais atica, menos temperamental.

O NACIONALISTA

O nacionalismo em Xavier Marques não é o xenofobo; é o homem compreensivo do destino humano e social da sua gente e o enamorado de sua terra, a "Pindorama", exposição universal de virgens belas e de inéditas formas de liberdade.

Os fenômenos das reações étnicas preocupam o pensador e alertam o político. Ele sabe que a terra é malsa e que o homem é escasso e que o sangue novo da renovação força ao velho sangue nativo, tão marcado por generosas e estoicas qualidades. Seu orgulho nacional não se fecha no anel egoísta das fronteiras, mas nutre-se daquilo que o colonizador e o incolá criaram dentro dessas fronteiras como largo e democrático sentido americano de vida. Seus principais romances são, no fundo, um debate temático desses problemas, resolvidos sempre por um sentido compreensivo e largo, ficando a humanidade acima dos grupos, a fraternidade acima de quaisquer exclusivismos.

Em "Sargento Pedro" ele estuda a transição, através de complexa mestiçagem, do lusitano colonizador no novo tipo humano representativo da terra e com este reagiu, em função desse "espírito da terra", contra o próprio colonizador.

Jackson de Figueiredo, crítico de Xavier Marques, assimina, num estudo esta observação. "Naqueles trinta e seis capítulos faz-se a história e a psicologia de um dos momentos mais agitados da nossa vida social. Ali está toda a fervura de velhos ódios que se vinham acumulando havia centenas de anos entre o português emigrado para o senhorio da terra que descobriu e conquistara e o brasileiro, elemento do seu sangue, sobre esta terra, que se tornara sangue inimigo e revoltado".

A violenta transmutação de valores sociais, provocada na velha organização agrária pela libertação do negro — mudança na direção das fazendas, queda de uma exhausta aristocracia rural, modificação de processos de trabalho — e a tese de "As Voltas da Estrada". As reações dos mundos políticos nos vilhos feudos urbanos são o tema de "Terras Mortas".

Se a análise desses movimentos humanos, tão fascinante ao cientista e pensador num campo social como o nosso, onde os elementos estão ainda tão nítidos e vivos como organismos num caldo de laboratório sob a lente do microscópio, foi um dos objetivos principais de Xavier Marques o resultado dessas análises e a "alma nacional" deles consequentes, ti-

zeram o esplendor dos seus mais belos pensamentos de sociólogo. Um largo sentido de humanidade, nitidamente americano ilumina sua concepção sobre a formação nacional. Xavier Marques — diz ainda Jackson — com o sopro de beleza, com que tem vivificado nossa história, e o nosso passado, alimenta a intenção patriótica de ajudar às correntes de progresso que acaio venham agir na formação da nossa raça histórica".

Hoje que combatemos de armas na mão a expressão agressiva dos nacionalismos fechados, dos racismos egoístas e que eliminamos espiritualmente a prevenção de fronteira dos povos no anseio de uma mais vasta interpenetração amorável e cultural, o pensamento de Xavier Marques ganha com sua atualidade um forte prestígio.

O PENSADOR

No setor da esterilização das fontes da espiritualidade pelo rigorismo da ciência e da técnica — é ainda Xavier Marques um alarmado precursor da necessária reação espiritualista. Toma ele, instintivamente, a mesma posição lamartiniana quando o criador da "Queda de um anjo" via em Cedar e espesso demônio da dominação da natureza, da posse das suas forças materiais para tirar daí unicamente gozo e poder. Isto é, desagregação moral e espírito da violência, antecipação profética do drama de 1939. Xavier Marques presente que ao confinamento do espiritual quer-se sobrepor o humano do mágico: que ao lirismo opõe-se o orgânico irracional; que o sublimo e o pático substituem-se pelo "sentido de necessidade", sempre inatrito embora debatendo-se dentro das fronteiras da matéria, excitando a imaginação com a força das alegorias poéticas, não dando quartel ao espírito que procura evadir-se e diluir-se na compreensão de que há uma margem indezavável, inexplicável, intocável na vida: a sua margem divina. Ele presente que essa "margem divina" é negada e comparada a uma página já escrita no livro do destino humano e que apenas ainda não foi lida pela sua ciência... Contra a nutrição materialista dada aos homens de hoje ele aspira, e não celeste, não no sentido meramente religioso, mas como uma irredutível necessidade, fruto do conhecimento memorial, que o homem tem dessa inutilidade que tanto de divino que a todo o instante descobrimos haver entre o humano do mundo... E agora — diz ele — por onde quer que o especialismo e a tecnologia não estancaram as fontes de idealidade que alimentam a cultura geral e humanista, por toda a parte rompe o alarme, denunciando a conspiração das ditaduras obscurantistas (em referência às totalitárias). Protesta-se contra os regimes e governos que regatam o pão espiritual dos povos. Protesta-se contra os bárbaros que, decretando a abstinência mental obrigatória, esperam reinar comodamente sobre as gerações de microcefalos".

Este Xavier Marques pensador, tão sóbrio e tão pouco baiano no sentido de refugir a qualquer tentação de elocução, marca com nitidez a linha do processo do seu pensamento, exata e chela de pudor, contida na precisão da análise e do consequente raciocínio. O doutrinador expõe e não declama. E, entretanto, dentro de processos possivelmente científicos que manifesta seu horror ao excessivo cientificismo esterilizante, opõe a ele a cáida e nutritiva formação humanista da sua cultura, alargada até as fronteiras infinitas pelo seu idealismo.

O ROMANCISTA E O POLÍGRAFO

Situado em seu tempo, é Xavier Marques um dos nossos melhores romancistas. Do seu tempo é, também, dos mais modernos. Nada tem do anacronismo Assis, nem do truísmo Coelho Neto. "Boto & Com.", "Jana e Joel", "Pindorama Marquilha", e "O Sargento Pedro", seguidos por "Holocausto", "A boa Madrastra", "As Voltas da Estrada", etc. mostram a sua força com romancista, a afluência encaixada. "Praxinos", "Terras Mortas", coleções de novelas, com seu notável estudo sobre a "Vida de Castro Alves", completam sua vasta produção com "Temas e Variações", "A arte de escrever", "Cultura da língua nacional", "Dois filósofos brasileiros", "Contos ensaios, fragmentos e uma coletânea de poesias".

O mal de alguns que ficaram prosa no tempo de Xavier Marques foi o de pertencerem a uma quadra na qual ainda se "morria em prol do estilo". Para que, muitas vezes, não morresse a forma, matava-se a ideia. A forma é tal qual esses parasitas letais, que tanto se multiplicam em ornamentos, nutrido-se do vegetal em que florescem, que acabam por exaurir toda a seiva do corpo que lhes serve de sustento. Essa tenebrosa quadra, com gramíneas soltas nas ruas das letras, semeando pânico, destruindo, a golpes de palmatorias, vocações incipientes, criou na nossa geração o tremendo complexo do pronome mal colocado. Se vernaculista era o maior vício nacional de cultura. Rui somente chegou à culminância quando a nação, admirativa e reverente, verificou, com prova provada em cadentes polígrafos, que ao gênio baiano eram familiares todos os clássicos e que o ouro da sua prosa era fundido nos cadinhos vernáculos dos Bernardes e dos Virras. Houvesse o sr. Carneiro provado que um só dos seus pronomes estivesse, como um desperdício da política, sem utilização ou com mau emprego, e a estrela de Baía piscaria sobre a fama do maior estilista da raça. E foi justamente porque vivemos por tanto tempo sob a ameaça da fúria dos Corujas que um belo dia, na revolução modernista, entregámo-nos a uma bárbara orgia de anacronismos, reduzimos a cacex todos as normas clássicas, barbarizamos o idioma proletarianizando-o na expressão viva, nacional e pitoresca dos seus modismos plebeus e acabamos por tirar das suas excelentes colocações todos os pronomes, tal qual fazia outrora o partido político quando subia ao poder expulsando dos seus cargos todos os adversários...

Xavier Marques, sendo um dos mais sábios e cultos mantenedores do idioma, tinha uma exata compreensão do seu necessário abastardamento ou, melhor, da sua alta plasticidade ao procurar módulos ou termos aptos a exprimir paixões e coisas novas dentro de uma paisagem nova. "O português, no Brasil — afirma ele — é até supérfluo dizer, modificou-se, diferenciou-se. O que ainda suscita dúvidas, escrupulos, restrições, conforme o ponto de vista ou o sentimento, é que se aprele o fato, é se o português do Brasil, assim modificado, pode ser chamado com propriedade um dialeto".

Com se vê o mestre não era dos que, com respeito à língua, tivessem a "obsessão da vernacularidade, armados de critério meramente gramatical", sendo tolerante e compreensivo. Essa atitude e a linha geral do seu pensamento na apreciação dos problemas nacionais e dos problemas humanos, documentam a útil clareza da sua inteligência. Essa compreensão, porém, não o levava a sacrificar

a palavra, a palavra a que ficam ligadas, a palavra viva, a palavra de erigido vocabulário tão capotada e expulsa de que a dotada, nossa gente, nem a peritillar nossos pitorescos modernismos que vivificam, rejuvenescem e ampliam o mapa e a gama expressional da velha língua lusá. A forma importa no fundo. Juntar-se ao espírito a forma e a estrutura a forma do espírito. O amor excessivo à música e à plástica dos vocabulários desvia para eles a energia criadora. Nesse ponto, se houve pecado em Xavier Marques o pecador não foi ele, mas a moda do tempo.

Estas observações, que podem implicar numa restrição, trazem à baila a injustiça do critério que há em se querer julgar com o patibulo de hoje, o que foi realizado para o "espírito de outono". Sem operarmos uma deslocação de plano temporal, mergulhando-nos na atmosfera estelion e no gosto corrente ao tempo em que foram concebidos "Jana e Joel" e "As Voltas da Estrada", não poderíamos tomar plena medida do seu extraordinário mérito. De qualquer forma, porém, sente-se em Xavier Marques o admirável criador quase sempre confinado ao lamento espiritual da província — uma sútil força de adivinhação do que costumamos não ver por que denominar "modernismo". Ele não tem, como Machado de Assis, aquele gosto introvertido, no melhor, aquela volúpia burguesa e retica de se perder em lentos passeios por dentro de si mesmo, num fato e egoísmo e enjamento psicológico de ironia e de sensualismo, drama pessoal, fechado, quase doméstico, comparável à tarefa de um funcionário público que dedisse seu "weekend" a desmontar e a montar um relógio. Não tem, com Coelho Neto, o esultório e heróico furor da palavra, honesta mas truculento labor barbaço que, vendo greda plástica em todo um vocabulário, passa a vida a esculpir imagens, a reforçar curvas de ornatos. Xavier Marques é mais "atual" no processo. Ele "narra" às vezes a lentidão verbal, como as corvins cantoras de Jana na hora indefesa da sua passionalidade, o seduzia para uma pequena orgia plástica, mas ali justa, porque nutrida de lirismo. As palavras, como bichos, oferecem-lhe razões, vivendo uma para vida musical, feita de cristalino atrito sonoro.

Ouvi esta música do idílio de Jana e Joel: "Começaram a esalar beijos de quebração; um murmurar confuso misto de sonoridades líquidas e aéreas, revirava o batel agulho e como que abandonado no fundadoiro, ao jogo das águas reveras. Tal vez soavam muito embaixo, no cristal do leite marinho aquelas harpas tintins, vozes do peito musical viltação das estrelas ou ilusão dos sentidos... soavam por certo no mar, no firmamento, na alma; fosse onde fosse, elas retinham multiplicando os círculos sonoros pelo espaço e pela noite, até que um rumor soberano, cheio de palpitâncias as foi abafando e amarcando numa surdina cada vez mais imperceptível".

Abandonando o demônio do verbo Xavier Marques segue canoteiro a picada episódica, a curiosidade levando-nos pela mão através da floresta mágica da narrativa. E esse processo de "romancear" — isto é, a facilidade de criar uma intrínseca fabulação e narrar-lhe com interesse, sem preocupações excessivamente descritivas ou espessamente verbais — que torna, entre seus confrades de época, "mais moderna" a arte do novelista Itapariquense. E, aliás, nesse gênero literário que ele mais se ilustrou.

O CRIADOR E AS CRIATURAS

Des romances de Xavier Marques saltam para a vida alguns tipos que o artista construiu

com bom material humano. Nazário de "As Voltas da Estrada", é algo mais que um personagem; é uma individualidade de tipo. E o mestiço invadente, repontando no cenário econômico e político da quadra nacional violentamente democrática. E a estrutura que ainda a destrói de resquícios de uma nascente estrutura feudal, em que a casa-grande era o "manoir" e o latifúndio o cunhado. Essa estrutura e explosiva de recalcados, vulpina, escurregadia, inteligente e justicadora, vingando-se da larga humilhação que sofrera entre solões e saque na noite preta da escravidão.

Nazário, o mulato, é o sucessor democrático de uma tosa aristocracia latifundiária, dessa classe amolecida nos braços das mucamas e que gerou, nos belos espúrios das senzalas, a estirpe dos seus próprios caracaras, os filhos, os cabrochias, as ricas variações da mestiçagem. Desse livro toda surge com bastante vida a filha de Nazário, Pastora, criatura toda sexo, tosta de sol e de paixão, leu de carne destinada a afetar e a pibelar os restos da pomposa fidalguia.

Esses tipos são, a nosso ver, pela sua significação dentro da nossa formação étnica, dos mais expressivos e humanos de quantos o autor criou. Mais que seus duques, seus marquês, seus barões imperiais, mexendo-se entre velhos jacarandás e cristais de candelabros, enquadrando seus vultros barbados entre os grossos latentes dos palácios coloniais, são os mestiços — variada graduação cronológica da prima raça — que concentram seus melhores instantes de penetração psicológica e melhor se plasmam, com a carne das palavras, para viver a vida eterna da arte.

Mucio Leão vê na obra realizada pelo artista de "Pindorama": "um sólido monumento literário". A emotividade é o elemento substancial do romancista, afirmou Goulart de Alencar. Clementino Fraça assevera "não haver dúvida que o romancista revela qualidades de observação e capacidade criadora, sem falar do ascendente da linguagem cuidada, elegante e sóbria". Carlos Chiachich acha que sua obra "é outo de lei de mestre eminente". São seus contemporâneos que o consagram, proclamando-o herdeiro da glória de Machado de Assis. Seja como for, ninguém poderá negar a Xavier Marques uma posição de mestre no seu tempo. Seu espírito, porém, era multifarín. O pensador, o romancista, o ensaísta era também poeta.

O POETA

Por um erro denominam-se igualmente poetas tanto os que escrevem versos como os que realmente fazem poesia. O verso, que teve, antes, uma estrutura rígida e que hoje é plástica e fluido, tendo por

ambiente os céus frágeis sendo

o vento a forma pura, nem sempre é o Livro dos Sete Seios contendo a divina mensagem. Não se confunda verso com poesia. A questão de forma não tem nenhum sentido, uma vez que a presença da poesia num verso opera logo a milagre da transubstanciação, pois ela se funde no próprio corpo verbal que a encerra, tal qual a alma se integra no organismo que nasce. A anulação angélica do milagre da Encarnação é, talvez, o melhor e o mais belo símbolo da poesia. As palavras em tal caso — carne que vai receber o espírito — tornam-se por si mesmas poesias, porque são usadas em função poética, com som, como cor, com mistério. Raimundo Correia, ao classificar sua "madrugada" de "sanguinea e fresca" (soneto "As Pombas"), usava desses adjetivos como um pla-

tar mar de lava poeiras e de verde-lade. Mas foi Alca, na verdade transcendental do símbolo, que Rimbaud fez das tonalidades verbais uma palhaia cromática.

Isto posto, força é concluir que não há "poesia antiga ou "poesia moderna", mas apenas poesia, tendo esta por morada a balada de Vigny, o soneto de Baudelaire, ou o verso moderníssimo de Garcia Lorca, de Neruda, de Alberti, de Valéry ou de Ribeiro Couto.

Poesia é essa comunicação insuperável de algo hiper-sensível, que acorda em nós, através de simples ritmos, de suave música, de vaga sugestão, de patética narrativa, alguma coisa incomum, exaltante, que dilata horizontes de infinitas repetições emotivas e sonoras dentro de nós. Se somos de fato, degenerada prole do anjo caído, poesia é um instantâneo vislumbre compreensivo da linguagem celeste e ancestral, da qual nossa espessa carnalidade perdeu a chave misteriosa e divina. Essa linguagem está contida na vida universal, mas quase ninguém lhe conhece as marianas articulações. O poeta é a criatura escolhida e iniciada para essa comunicação meditativa, pelo que a poesia tem algo de religioso, pois torna a religar o homem à sua mais obscura e escondida e alta essência.

Pensamos ter descoberto no ultraísmo surrealista ou no irracionalismo do sbeconiente, elementos originais para enriquecer a expressão poética. Não descobrimos coisa alguma. O que fizemos foi apenas explicar um material poético de velho uso. O irracionalismo, o irracionalismo — imaginação abstrata, instinto profundo, forças vulcânicas e subterrâneas do "eu", que hoje se libertam na explosão irreprevel da absoluta liberdade poética, incarnando-se em formas sem nexo, valendo estas como pura plástica — já eram matérias da poesia, pois, sendo esta, linguagem divina, e linguagem integral, voz ecumênica, total como o próprio universo, oriunda do céu e da terra, do consciente e do inconsciente, do real e do irreal, do racional e do irracional. E, por isso, por essa vastidão sem

limites e por essa margem de misterio, por essa força e por essa graça, que denominamos poesia não apenas a emoção que uma forma e uma sugestão verbal provocam em nós, como certas estações de espírito queritadas da contemplação de um céu cheio de estrelas, quer ao ritmo de um voo, quer da simples imersão do nosso pensamento no mundo dormiente e tabuloso que temos dentro de nós mesmos.

Alcá — e desejei dar esta explicação uma vez por todas, tantas as interpretações obliquas que se têm procurado dar a alguma linha reta do meu pensamento com referência ao problema — porque não me interessava saber se Xavier Marques, nas "Insulares", foi modernista ou passadista. Para mim são poetas todos os que conseguem fazer realmente poesia e não apenas versos.

O que ficava dos poetas não será nem a escola nem o processo, mas a poesia que tenham conseguido fixar nalguma "sintaxe". Do submerso Felix d'Almeida, sobremaneira da sua vasta obra apenas um soneto. E por isso que Castro Alves, o gênio trovejante da apostrofe, e Camilo de Abreu, o gênio do lugar-comum lírico, estão mais vivos do que nunca. A maioria dos que, em relação ao seu tempo, foram "modernos", "pocelosos", "revolucionários", morreu. Morreram os mais vivos. A poesia, porém, vive a vida eterna da sua divina substância.

Em Xavier Marques, um instintivo pndor mental — o terror de ser banal — fazia não raro murchar seu estro. A "idéia", o requinte ou a profundidade dessa "idéia", preocupavam o artista como de substância. Os dois temas dialéticos, amor e morte — criação e destruição, princípio e fim — são tentações constantes da sua lira.

Não! Não é pela vida que disjuntam os pobres versos deste val tristonho: é pela morte, horror!, que todos flutam. (Soneto — A luta pela morte). Ou ainda: E emudecemos cheios de tristura...

que sempre há de esborrar toda a ventura a ponta d'uma desse abutre — la morte.

Xavier Marques, entretanto, sentiu o valor plástico das palavras como puro material poético. Esse cáldo sensualismo musical descobre-se em "Adormecida":

De uma das mãos a cancha cor de rosa some-lhe a face, qual a pomba jo ninho; seu belo colo suave como a arcaíto sobre a cocha em curva (gracia). Arde-lhe o seio. Dorme. E de lamorosa o sorriso que os lábios, num carinhoso, lhe afrousa. As formas se lhe ajustam e linho de vestir elá, traidora e luminosa.

Agora vejamos lo desferindo, com asas plenas, o seu alto voo jarmasiano:

INDIFERENÇA

Sinto às vezes o arranco de uns (lanquidos) Que a teus pés não me curvam (por hém pouco). E vou quase a castrá-lo como (um louco) Entre os meus braços (irritados, convulsos).

Espreito-te o perfil, movo os (meus pulcos) Não tenho algemas não, peço (tão pouco), Qual a poeira surrada do síroco, Vejo os recios de minh'alma (expulsos).

Estão me agito e arrujo com (firmesza). Mas olho e vejo... Oh! que (mortal frieza) No mudo olhar que o ruipece (devo!).

E na vez-te os olhos quírios, tão (serenos), Brilhando sem paixão, cada vez (menas), Recuo, paro, desfaleço e choro.

Este fúmineo voo sobre os poemas do criador de "Insulares" destinou-se apenas a revelar, na vastidão poligonal da sua obra, um ângulo lírico, se bem que o material poético nela poderia ser copiosamente



Memória do Pichão, na redação de "A MANHÃ", da 1ª edição (1941)

dade é que gostarei de orientar — no decorrer desta saudação, de que me incumbia a Academia — as reflexões que me despertais.

Vós, portanto, procurar demonstrar, a meu modo — despretenciosamente — que sós múltiplos, numerosos, unânimes, coloridos, para serdes quem sois, isto é, uno e sincero; e que sós instantâneo, agili, porque a vossa instantaneidade prodigiosa é o segredo provável de vossa profundidade, toda vez que chegais a ser profundo.

Já na Semana de Arte Moderna, documentastes bem a riqueza de tais atributos, tão aparentemente contraditórios.

História recente, essa, cujos heróis ainda estão vivos — com exceção de Graciano, Paulo Prado e Ronald de Carvalho — e não há nada mais discutido do que a história de gente viva.

Mas, entre outras coisas contrariedades, uma já está assentada como certa.

E é a de que fustes, — e esse foi o Menotti, que conheci no auge da inquietação e da notoriedade, — um dos demônios incluídos no movimento modernista, em 1922.

Brechgrat havia chegado da Europa trazendo uma carga de alto poder explosivo: os seus geniais aletões expressionistas. Anita Malfatti havia, também, trazido da Europa uma terrível quadrilha cubista. E foi a coisa. Surgiram os Inconfidentes da Arte Nova, em torno do escultor e da pintora. Fostes um deles, e dos de capa preta. E já na primeira noite do Teatro Municipal de São Paulo — onde se proclamou a rebelião — fostes o orador oficial. Nada menos que orador oficial no maior balcão literário de que há notícia, neste país.

"Júpiter poderá entrar em nossa Arte (vou ler um pequeno trecho do vosso discurso, então pronunciado) mas não o admitiremos nu, inatual, cabeludo, como o querem os parnasianos. Não queremos saber de escândalos, nem de ter que ajustar contas com a polícia. O pai dos deuses, para transitar em nossas ruas, é mister que vá, antes, ao barbeiro, vista um paletó preto, deixe em casa o perigoso re-

molher olímpico, que era a castiçada das ruas, e burguês, e pacífico, tal como o pintou André Gide, se anule na vida comum, na tragédia comum dos outros homens. Basta de se descrever a carreira dos ditos atras das unhas, a Babilônia paulista está cheia de jônios urbanos e as coisas modernas dançam maritizado ao som do jazz, sem lemer mais as epigas da República...

Morre a Helade! Organizemos um pé pereira canalha para dar uma volta definitiva e formidável nos frutes do Parnaso".

O FRUÍDO CONTRA O PRUÍDO

Não obstante o ardor com que fustastes — nessa ocasião — em "da definitiva nos deuses do Parnaso" — o vado fustes vos.

E como o movimento era de independência mas foi, ao começo, de para importação, as próprias vadas do Municipal, inclusive a que recebastes, haviam vindo da Europa.

Não podia a Semana de Arte Moderna escapar a tal signo. Ao lado de outros escritores, austeres, o vosso quinhão de vada. Fostes vado, apurado; quase não pudestes pronunciar o vosso discurso (que hoje vemos ter sido quase inocente) e aí está a prova de que cumpristes a vossa missão com galhardia.

Tão grande a vada que, no dia seguinte, Mario de Andrade vos escreveu uma carta particular...

"Carta muito particular, disse o autor da "Paulicéia Desvairada". Que tal? Conseguimos, enfim, o que desejávamos: celebridade. Outro meio não havia de a conseguirmos. Era só assim, aporreadando a colera dos ararás". Mas — a história não se faz sem justiça — esclarecetes a vossa posição, numa fulminante réplica a Oscar Guanabarro: nada de futurismo; o que a Semana de Arte Moderna queria era outra coisa; era que fossemos mais do nosso país e do nosso tempo. "Modernos e brasileiros. Liores e espontâneos. Individuais e sinceros".

E o curioso é verificar, mais tarde, quando Marinetti veio ao Brasil — em 1927, se não me engano — procedido da má fama que lhe veleram as vadas europeias, que a maior parte dos que

foram ouso-lo não tinha outro intuito sendo ouso-lo.

"Al. Marinetti, na sua obra, sobre a arte, confidencia: montado num banho".

— Dizem que nós, futuristas, gostamos de ser vados (vícios) mas não é verdade: nós só gostamos da vada (sufflento).

Conferência futurista, sem vada, não seria conferência.

O MODERNISMO E D. JOÃO VI

A essa altura, — vale a pena fazer este ponto — escrevestes aquele famoso artigo saudando o Grande Passadista. Explicastes que já eramos, antes de Marinetti, o país do futuro.

"No Brasil, não havia razão lógica e social para o futurismo orlodozo, porque o prestígio do nosso passado não era de molde a tolher a liberdade de nossa maneira de ser futura. Aliás, ao nosso individualismo estético resignava a aula de uma escola. Procuramos, cada um, aluar de acordo com o nosso temperamento, dentro da mais arrazada sinceridade".

Se o modernismo fosse uma nova importação, seria de liberdade. Já que vivíamos de reflexões literárias, ao menos esse seria útil. Sendo destruído na Europa, nada teria que destruir, no Brasil, a não ser outros fórmulas anteriores, igualmente importadas. Mesmo no domínio das idéias políticas, não era a primeira vez que assim procedíamos. O indianismo de torna viagem é um exemplo. Pois Castriano não havia identificado um indianismo nosso, de tradição popular, antes que nos viesse o da Europa, via Cooper. Chateaubriand ou Montaigne? No domínio ideológico, o milto do "bon selvagem" é outro exemplo (já que estamos falando de indianismo) e esse é um exemplo mais grave. Pois não fora ele o inspirador das idéias que motivaram a revolução francesa — um dos movimentos cardeais da história humana? As matérias primas — disse o admiravelmente Afonso Arinos de Melo Franco — com que se fabricaram as doutrinas futuras, daqui saíam para a Europa e de lá nos regressavam transformadas, para o nosso gosto, sob a forma de artigos importados... Dai certos paradoxos, que já eram futuristas a seu tempo, e entra os quais já tive ocasião de citar o de D. João VI. Veio ele, segundo reza a história, perseguido pelas idéias francesas; mas o certo, — o que a história não explicou — é que ele veio perseguido pelo milto do bom selvagem, isto é, muito mais pelo índio brasileiro do que pelo general Junot.

O GRUPO "VERDAMARELO" E A ANTA

E que esse era, por ocasião do futurismo importado, o vosso verdadeiro pensamento, propam-no os fatos.

Probam-no os fatos, mais do que o artigo que escrevestes, em réplica a Oscar Guanabarro, ou a saudação que dirigistes a Marinetti, o grande Passadista. O próprio Mario de Andrade, reconhecendo que "o espírito modernista e as suas modas foram importadas da Europa", diz que não se pode, entretanto, esquecer todo o movimento regionalista, aberto justamente em São Paulo e imediatamente antes pela "Revista do Brasil", isso seria esquecer todo o movimento editorial de Monteiro Lobato; esquecer a arquitetura e até o urbanismo (Debussas) neo-colonial, nascidos em São Paulo. "Desta ética estavamos impregnados, acrescenta ele. Menotti Del Picchia nos deu o Juca Mulato" (eston reproduzindo as palavras de Mario) e estudávamos a arte tradicional brasileira, etc.". Mas os fatos não param aí e um deles bastaria para assinalar a vossa tendência dentro do modernismo: é que, quando se formaram grupos, cada qual pensando o seu manifesto, já na

transição do período caótico para o da itação das novas tendências, fostes dos primeiros a reagir contra os excessos em voga. Com outros escritores, fundastes o grupo "verdamarelo" — mais tarde "grupo da Anta", e aí demonstrastes o vosso profundo espírito de brasilidade, já documentado em "Juca Mulato". Combatestes, então, a chamada literatura suicida (a que se referia, em magistral estudo, Alceu Amoroso Lima). Escrevestes numerosos artigos de polémica, todos no sentido de provar que o Brasil estava em condições — mais do que nas tentativas do romantismo — de fundar a sua literatura própria, recorrendo ao mistério de sua própria criação.

Se havia um modernismo que nasceu nos salões da aristocracia — como nascera a "Revista Fantástica" iniciadora do parnasianismo, fundada nos salões dos marqueses de Ricard — não era esse o modernismo a que desejastes pertencer.

O manifesto "verdamarelo" é um documento histórico, não só de combate ao futurismo senão também de condenação à chamada "poesia pau-brasil" então em voga, fundada pelo inquietante inteligência de Oswald de Andrade mas... — para contradição do "dadaísmo" francês.

Na impossibilidade de o reproduzir todo, limito-me ao tópico referente à poesia pau-brasil:

1) Pau-brasil é madeira que já não existe; 2) interessou holandeses e portugueses, franceses e chineses, menos os brasileiros, que dela só tiveram notícia pelos historiadores; 3) instigou a colonização, quer dizer: a assimilação da terra e da vida gente empacada pelo estrangeiro; em síntese: pau nefasto, primitivo, colonial, acurrido da flora, expressão do país subversivo, capitania, governo geral, sem consciência definida, debilitante, etc. Ainda hoje, na aceção tomada por Oswald, pau importuno, zereia, metido a sebo. Aparece prestigiado por franceses e italianos. Mastro absurdo na nossa festa do Divino, carregado por Oswald, Mario, Cendrars. Mas, Cendrars é francês... Isto cheia a Companhia Holandesa de Comércio e Navegação...

UMA ANTE QUE TIVESSE PATRIA

Fundado o grupo da "Anta", com Raul Bopp, Plínio Salgado, Candido Motta Filho, Manuel Mendes, Alfredo Elia e notadamente Alarico Silveira — grande brasileiro, cuja obra não é ainda conhecida como merece — começamos, então, a estudar a contribuição índia em nossa "ormação política, histórica, social, literária. Começamos e fazer aquilo que Gilberto Freyre reconhece, hoje, como uma afirmação que pode ser feita: "que a raiz ameríndia mais profunda de vida, de cultura, de caráter, dá aos povos da América mais enriquecidos pela assimilação de valores indígenas, maior autenticidade à sua condição de americanos". Entretidos com o "Paranduba amazense" de Barbosa Rodrigues, com o "O Selvagem" de Couto de Magalhães e com as obras etnográficas e antropológicas de Roquette Pinto, Baista Caetano, Teodoro Sampaio, Plínio Airoso (para citar apenas alguns, entre os muitos autores que nos eram familiares) parece que estávamos ouvindo a voz do onse, como diria Alarico Silveira quando procurava demonstrar que o Brasil teria que ouvir sempre essa voz, não raro esquecida pelo litoral ilustre e cosmopolita.

O outro aspecto do movimento "verdamarelo" e da "Anta" era o de se dar à arte a função social e política que ela precisava ter.

Queríamos, todos, uma arte que tivesse pátria: ou, melhor, uma arte que, para adquirir seu maior sentido humano e universal, realizasse aquele pensamento de Gide, que Maritain

(um católico) reproduz em sua "Arte e escolástica": "toda obra de arte será tanto mais universal quanto mais refletir o sinal da pátria".

Queríamos, ainda, uma arte que refletisse os anseios da época: uma arte que aspirasse a alguma coisa acima de si mesma; e não a arte pela arte, não a literatura pela literatura.

BILINGÜISMO LITERÁRIO

Queríamos uma língua menos aguçada e instantânea stáldica.

Se a própria Academia, num dos artigos do regimento com que foi fundada, instituiu o estudo das "diferenças, já existentes, no falar e escrever dos dois povos", nada mais natural do que a exigência dos modernistas.

A homenagem que prestastes a Castilho foi justa e, por certo, uma imposição de vossa própria brasilidade.

Desejais, como todos nós, que os vossos livros sejam lidos e entendidos em Portugal. E a prova de que o foram está em Julio Dantas que, endurecido no ofício de escrever — como ele próprio confessa — sentiu os olhos cheios de lágrimas ao ler o vosso "Juca Mulato". Todavia, não tendes culpa de que outros escritores lusos já não entendam mais a língua em que escrevem.

E o caso, por exemplo, do sr. Agostinho de Campos, para quem só escreveis em português de vez em quando. "Salomé", disse esse ilustre professor da Universidade de Coimbra, está escrita numa língua que só é portuguesa de vez em quando. Muitas vezes, não (reproduzo as suas palavras) temos que tirar significados e nem sempre, ou quase nunca, os dicionários respondem as dúvidas que a leitura do contexto não desfaz".

Para Agostinho de Campos, ora escreveis em português, ora em francês...

E francamente: que mal poderia haver nesse bilingüismo literário? Nenhum, a meu ver. Camões não escreveu em português e espanhol ao mesmo tempo?

Ora em brasileiro, ora em português; mas a verdade é que nunca esquecia Portugal um desses poemas:

"Saudeira cheia de graça,
alegre em dor dilua;
doença de minha raça,
pranto que a guilartei
em seu caído veteu.
Ai, quem sentir não hade
ni, foz dentro da saude
que minha pátria nasceu..."

AS CONQUISTAS DO MODERNISMO

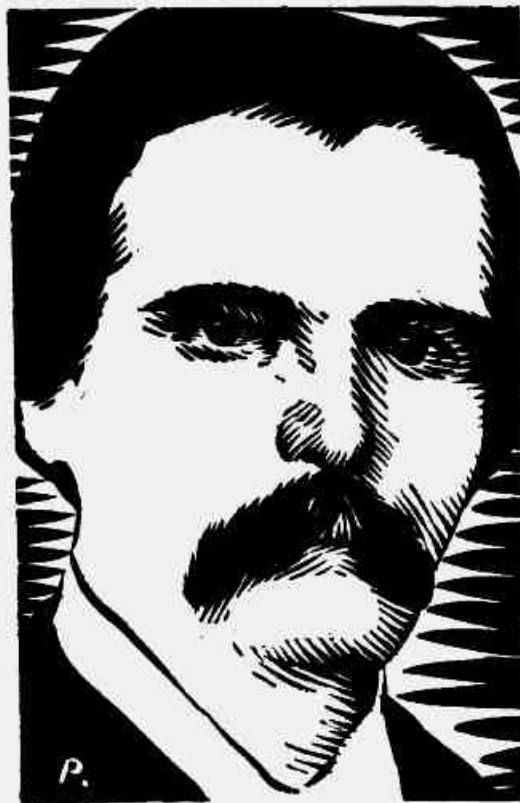
Quais terão sido as principais conquistas do modernismo?

Os modernistas — congnos Manuel Bandeira — procuraram exprimir-se numa linguagem despojada da eloquência parnasiana e do vago simbolista, menos adstrita ao vocabulário e à sintaxe clássica portuguesa, menos presa aos ditames da lógica. Movimento, a princípio destrutivo e bem caracterizado pelas novidades da forma, assumiu mais tarde cor acentuada mente nacional, buscando interpretar artisticamente o presente e o passado brasileiro.

Tínhamos, diz Mucio Leão, o verso chamado livre; mas era "um verso que permanecia condicionado aos ritmos tradicionais da poesia de Castilho. Os poetas modernos avançaram a conquista do verso definitivamente livre dando-nos um novo conceito do que seja poesia. um conceito mais alto e resplandente em sua pureza e em sua nudez do que fora o conceito meramente formal das escolas anteriores".

Mas é o próprio Mario de Andrade, vosso companheiro de vada e má fama futurista, quem já aponta hoje três conquistas fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional.

Tem razão esses escritores e



Manuel Antonio de Almeida, o famoso romancista das "Memórias de um Sargento de Milícias" patrimo da oadeira n. 27, que hoje ocupa na Casa de Machado de Assis o posto Menotti del Picchia (Traço de Pacheco)



O sr. J. C. de Mendonça Soares, que presidi os trabalhos da Academia Brasileira de Letras nos anos de 1942 e 1944.

hou para a Poesia uma noite de festa, já que foi conagrada a dois poetas dos mais ilustres da nossa terra. A posse de Getúlio Vargas, vigoroso escritor político e figura tão expressiva e com tão grandes responsabilidades no movimento cultural brasileiro, constituiu um acontecimento único em nossa história, pois e a primeira vez que a Academia teve a oportunidade de receber em seu seio um Chefe de Estado.

CONFERÊNCIAS

Um momento por um alto momento expressivo e expressivamente satisfatório e verificamos que as atividades da Academia vem se desenvolvendo e crescendo, não só do grande público, como também da maioria dos leitores que apreciam e cultivam as artes e as letras. O índice para muitas conferências, tanto de imprensa, quanto de obras publicadas, que as leituras e as discussões de se executar, e, sem, na minha opinião, a presença em dias de conferências públicas.

Este ano, abrimos o nosso ano nada menos de 22 vezes. Inauguramos três retratos de antigos acadêmicos, pintados e oferecidos pelo sr. comendador Rodrigo Soares, o de Paulo Sebastião em 4 de maio, cuja personalidade e cuja obra foi imprecisamente focalizada por Cassiano Ricardo, o de Luciano Mendonça, em 31 de julho, tendo nesta tarde ocupado a tribuna Ademar Tavares que pronunciou comovente oração sobre o porta-magistrado; enfim o de Vicente de Carvalho, em 28 de dezembro, quando Cláudio de Souza, e Oliveira Ribeiro Neto, com eloquência e emoção, recordaram o grande poeta paulista. Ainda ressona na sala as belas frases de Celso Vieira lembrando, no vigésimo aniversário de sua morte, o inquecível poeta Olavo Bilac.

Comemoramos dois centenários: o do Almirante Jacquiel, herói nacional e antigo membro desta Academia, e o de Teófilo Braga, que pertenceu ao nosso quadro de socios correspondentes. Sobre o primeiro, falou Barbosa Lima Sobrinho, tendo comparecido, para assistir sua encantadora conferência, o sr. ministro da Marinha, que pronunciou um discurso alusivo a centronia. Prestando homenagem a Teófilo Braga, ouvimos a palavra inspirada de João Lobo sempre tão merecedora de aplausos.

Em 29 de julho, no dia em que acuradamente recordamos a figura de Francisco Alves, grande benfeitor da Academia, como é de praxe, distribuímos os prêmios acadêmicos. Na tarde seguinte a tribuna o illustre sr. Jacques Rainaldo, que interpretou os sentimentos dos premiados.

Em 11 de agosto, novamente abrimos o salão acadêmico, pois, se a tribuna deveria ser ocupada por Gustavo Barroso que fez uma eufórica e referencial, altamente expressiva, intitulada: "Os meus encontros com Era de Quilina".

O CURSO CAMÕES

Uma das características de Afrânio Peixoto é sua inteligência inventiva. Por proposta sua, foi criada, na Academia, a "Fundação Camões". Deveria constituir-se, inicialmente, como de fato se constituiu, de uma biblioteca especializada das obras do poeta.

Para guardar as primeiras edições dos Lusíadas e dos Rhythmas, cujos exemplares possuímos, foi constituído um moel especial para que ele, pudesse ser expostos nos dias de gala e reservados com toda segurança. O assunto Camões é sempre vivo como a sua própria obra poética. Dai ter surgido, entre as orientadoras da "Fundação", a ideia do "Curso Camões", levado a efeito com extraordinário sucesso. Dez conferências foram proferidas

das consecutivamente. Afrânio Peixoto abriu e encorreu o curso, com duas notáveis orações. Falarani, em seguida, cada qual com mais brilho e erudição. Peixoto, Vargas, vigoroso escritor político e figura tão expressiva e com tão grandes responsabilidades no movimento cultural brasileiro, constituiu um acontecimento único em nossa história, pois e a primeira vez que a Academia teve a oportunidade de receber em seu seio um Chefe de Estado.

O CURSO GONÇALVES DIAS
De repensamos mais a do "Curso Camões" foi a do "Curso Gonçalves Dias", organizada pela Direção e por uma Comissão de Acadêmicos, composta de Alvaro de Castro Almeida, Tamariz e Cláudio Marinho. A primeira conferência, intitulada por Vicente de Carvalho, realizou-se a 3 de novembro, aniversário da morte do poeta, e a última por Manoel Barreira, a 23 de dezembro. Entre uma e outra, ocuparam a tribuna Pedro Calmon, Roque Pinto, Gustavo Barroso e Guilherme de Almeida. Já que havíamos prestado uma eufórica homenagem ao poeta de Os Lusíadas, nada mais justo do que festejarmos também o cantor d'Os Timbiras. Creio que as seis conferências, reunidas e publicadas em livro, constituirão uma sólida base para os que estudam e apreciam a vida e a obra do glorioso poeta.

A SEDE DA ACADEMIA
Pelo seu prestígio intelectual e moral, a Academia tem conquistado a simpatia, a estima, a boa vontade de particulares e de homens de Estado. Vários foram os benefícios individuais e oficiais trazidos a ela espontaneamente.

Logo nos primeiros dias de sua fundação recebeu uma doação, a primeira de todas, do sr. Coelho Rodrigues, que enviou uma determinada quantia para as despesas iniciais de instalação. Depois, figurou a Academia nos testamentos de Ramos Paz, criador de um prêmio, e de Francisco Alves de Oliveira. Da herança do famoso liveriro, incontestavelmente sempre bem administrada pela Academia, é que advém a fortuna que a torna materialmente independente e capaz de

tantas realizações. Mas não somente a nossa generosidade nos deve a Academia, mas também a agradecida. Em 1904, alguns anos depois de fundada, J. J. Seabra, então ministro do Interior e Justiça, deu-lhe a primeira sede fixa e o mobiliário respectivo. Em 1923, Afrânio Peixoto, presidindo a Academia, o governo francês, por intermédio do sr. Embaixador Alexandre Conty, ofereceu ao governo brasileiro, este patrimônio, reproduzindo o "Petit Traité", que havia sido construído para a Exposição do Centenário da Independência do Brasil, afim de nele instalar a sede da Academia. Alexandre Mille and era o presidente da República francesa, e Raymond Bonnier o chefe do governo. Ainda a presidir Getúlio Vargas, posso eu mesmo confratado, por a Academia a doação da terra, e a do edifício. Esta doação, que nos serviu enormemente a bem da Academia, pelo Decreto nº 14.904, de 1934, foi avaliada a 100 mil e 400 mil e quatrocentos e quarenta mil cruzados e o prédio em um milhão e cento e cinquenta mil cruzados, ou seja um total de dez milhões, quinhentos e cinquenta mil cruzados.

Assim hoje poderemos dizer que a Academia tem realmente a sua casa própria. De todos os nossos benfeitores colocamos bustos e retratos alguns pintados por Portinari nos salões e no vestibulo. Junto aos dos representantes do governo francês e do grande benfeitor, Francisco Alves de Oliveira, agora figura, obra primorosa do esculptor Samuel Martins Ribeiro, professor da Escola de Belas Artes, o busto do presidente Getúlio Vargas, a quem devemos sem dúvida esta prova de gratidão.

SITUAÇÃO FINANCEIRA

Conseguimos obter equilíbrio orçamentário em 1943 apesar das despesas extraordinárias com publicações e da sensível redução na renda proveniente dos alugueis no corrente exercício, pela demora no recebimento das somas correspondentes ao preço dos prédios desapropriados da rua da Quitanda, 116 e da rua Barão de S. Felix, 291, e da falta de inquilinos na Avenida Gomes Freire, 116. E de esperar-se portanto, em 1944, um aumento de cerca de

livro de Machado de Assis "Quarta-feira da manhã" para os "olhos" que, durante muito tempo, foi considerada como simples tradução, mesmo por quem assim o seu autor descrevia. Cade a Afrânio Peixoto, no prefácio da obra, explicita estabelecer a verdade e acrescentar o primeiro trabalho as obras completas do insular romancista. Também, com prefácio de Afrânio Peixoto, e por ele idealizado, imprimimos "Uma página da nossa realidade", o famoso poema de Castro Alves. E, mais, dedicamos fac-símil do primeiro original do poeta das "Esquimas futuristas", representando uma obra de inestimável valor bibliográfico.

No mesmo bibliográfico, publicamos o Francisco Alves de Oliveira, escrito por Edmundo Moura, com notas bibliográficas, de Osvaldo Moisés Bressa. Também, no primeiro livro documentado sobre a personalidade do famoso literato, apresentamos o livro de vários trabalhos do sr. Peixoto, que ali, há pouco tempo era quem que inteligentemente desenvolveu. Nesta mesma coleção, tivemos o Vicente de Carvalho, com poemas seus, próprios filhos, Maria da Conceição e Arnaldo Vicente de Carvalho, com prefácio de Roque Pinto, que denominou de "sua poesia", o autor inquecível e inquecível dos "Poemas e Canções".

Outro livro de significação literária é o Santo Antônio de Constantino Alves que foi, de certo, um dos mais belos produtores das letras nacionais. Com esta publicação prestamos mais esta expressiva homenagem a quem, durante a sua vida, para a grandeza de sua casa.

Encerramos este ano o ciclo de nossas edições com o "Arquivo Camoeriano" que consta das conferências pronunciadas pelos mais notáveis escritores nacionais e portugueses durante o novo "Curso Camões", que tão alta repercussão intelectual obteve.

A estas publicações, acrescentamos o Anuário Acadêmico de 1943 o volume 65 de nossa Revista dirigida pelo eminente confrade Alvaro Tavares, anais de janeiro e junho deste ano, contendo páginas primorosas de

autoridade dos nossos mais ilustres acadêmicos e três números da Revista Brasileira, tão inteligentemente orientada pelo ilustre sr. Levy Carneiro e seus colaboradores da comissão diretora, os senhores Rodrigo Olavo, Alvaro Amoroso Lima, Gustavo Barroso e João Neves. Encontramos para ser impressas além do 11º volume dos Discursos Acadêmicos os últimos Poemas de Alberto de Oliveira, prefaciados pelo nosso preclaro confrade sr. Alvaro de Castro, dos livros de ensaios de Xavier Marques, cujo falecimento, no fim do ano passado, tanto nos entristeceu pelo muito que ele representava para nós, para a Academia e para a intelectualidade brasileira.

NOVOS ACADEMICOS

Atualmente, a Academia tem o seu quadro completo. Na sala de Xavier Marques, instalado o magnífico poeta e prosador paulista, Menotti del Picchia, cujo futuro intelectual sempre os primeiros a reconhecer e admirar. Para a vigia dos socios correspondentes, Rodolfo Rivas e Rodrigues Martins, entraram duas figuras de mais alta significação no panorama intelectual da América Latina, Ricardo Rojas e Paulo Regener.

Estas eleições entraram mais os laços que unem a Academia as nações vizinhas, do mesmo hemisfério, cujos problemas são os mesmos que os nossos, e a quais devemos sempre, cordalmente, estender as nossas mãos para exprimir os sentimentos fraternais que temos, em nós, para com elas. Alias, em minha recente viagem a Argentina e ao Uruguai, nas Academias dessas duas nações, representando esta casa, tive a oportunidade de dizer o que elas significavam para o Brasil.

A POSSE DOS NOVOS ACADEMICOS

Não quis o de fato que o ano de 1943 terminasse sem que tivesse a Academia o grato prazer de abrir o seu salão azul para duas recepções de posse, a de Menotti del Picchia, recebido por Cassiano Ricardo, e a de Clotilde Vargas, saudado por Ataulpho de Paiva.

A posse de Menotti representou



THOMAZ A. GONZAGA
(1744-1907)

Thomaz Antonio Gonzaga, pintado do sr. Clotilde Vargas, na Academia Brasileira de Letras.

Diversas homogeneizações foram atribuídas em 1943 a figura de uma casa. Em maio, recebeu mais um ofício do Diretor da Imprensa Nacional, comunicando que, em reunião dos diretores da Imprensa Oficial dos Estados, ficou resolvido que a Imprensa Oficial brasileira adotaria em sua rede uma linguagem de leitura e uma biblioteca com o nome de "Biblioteca de Assis". Nesse mês, mais esteve em viagem a Pernambuco. Quando, que trouxe a notícia de uma oferta que vale pela mais aprofundada das homogeneizações: todas as grandes organizações, "Deus Cuida"; a dos repositores aos pais e aos avós, a família da Assis. Essa

$$\rho_{\text{eff}} = \rho + \frac{1}{2} \frac{1}{\rho} \frac{d\rho}{d\ln k} \frac{d\ln k}{d\ln a} = \rho \left(1 + \frac{1}{2} \frac{d \ln \rho}{d \ln a} \right)$$

Ai está, senhores acadêmicos, a sãmba da emancipação principal que ocorrerá na Academia, no Terreiro Alencar, durante o ano de 1943.

LEONILSO PRONUNCIANDO NA ACADÊMIA BRASILEIRA DE LETRAS, EM 1944
 (Arquivo Arquivo)

DISCURSO DE POSSE - De Mucio Leão

Uma das coisas que me chamou a atenção ao entrar para a Academia Brasileira de Letras foi a grandeza do edifício, a imponência do seu portão adorneado com o brasão da República. Quando entrei, senti uma sensação de respeito e de admiração. A Academia Brasileira de Letras é uma instituição que tem a honra de receber em seu seio os maiores nomes da literatura brasileira.

É esta instituição que tem a honra de receber em seu seio os maiores nomes da literatura brasileira. É esta instituição que tem a honra de receber em seu seio os maiores nomes da literatura brasileira.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.



Um aspecto do salão da Academia Brasileira de Letras, durante a sessão solene em que tomou posse o primeiro acadêmico português, Mucio Leão.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.

Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração. Quando eu entrei para a Academia Brasileira de Letras, senti uma sensação de respeito e de admiração.